



DEPARTAMENTO DE TAQUIGRAFIA, REVISÃO E REDAÇÃO

NÚCLEO DE REDAÇÃO FINAL EM COMISSÕES

TEXTO SEM REVISÃO

COMISSÃO DO ESPORTE			
EVENTO: Audiência Pública	REUNIÃO Nº: 0124/18	DATA: 11/04/2018	
LOCAL: Plenário 4 das Comissões	INÍCIO: 15h21min	TÉRMINO: 18h55min	PÁGINAS: 75

DEPOENTE/CONVIDADO - QUALIFICAÇÃO

RUI HILDEBRANDO - Criador do manbol.
WEBER DE AZEVEDO MAGALHÃES - Vice-Presidente da Confederação Brasileira de Futebol de Salão.
RAFAEL THOMAZ FAVETTI - Presidente da Comissão Atlética Brasileira de Artes Marciais Mistas.
SERGIO ZACCARO - Criador do zaccaro ball.
LANA MIRANDA - Atleta representante da Confederação Brasileira de Futevôlei.
MARCOS JULIANO OFENBOCK - Presidente da Confederação Brasileira de Futsac e Criador do Futsac.
NOÉLIO SOBRINHO - Presidente da Associação Brasileira de Surf na Pororoca.
RICARDO FERNANDES - Diretor-Executivo da Associação Brasileira de Surf na Pororoca.
LÁZARO ZEFERINO - Diretor-Executivo da Confederação Brasileira de Frescobol.
ALCIR HORÁRIO DA SILVA - atleta de frescobol e professor de Educação Física da Universidade Federal de Goiás.
WESLEY ALAN DOS SANTOS PEREIRA - Diretor Estadual de Tapembol do Distrito Federal.
CLÁUDIO GOMES MENDES - criador do sorvebol.

SUMÁRIO

Debate sobre os esportes de criação nacional.

OBSERVAÇÕES

NOTAS TAQUIGRÁFICAS SEM REVISÃO, APENAS PARA CONSULTA.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Boa tarde a todas e a todos. É um prazer tê-los aqui.

Vamos iniciar a nossa sessão.

O Presidente da Comissão teve que ir à posse do Ministro e nós estamos aqui nos dividindo nas tarefas. Há a posse do Ministro do Esporte e outras atividades; já temos sessão do Plenário, que está funcionando, e a de outras Comissões. Eu mesmo vou ter que me retirar daqui a pouco, mas volto depois para acompanhar o máximo possível a nossa audiência.

Dando início aos nossos trabalhos, registro que esta audiência pública está sendo realizada por conta de aprovação do Requerimento nº 207, de 2017, de iniciativa dos Deputados João Derly e Roberto Góes, e tem por objetivo debater os esportes de criação nacional.

Para dar início às apresentações, convido para tomar lugar à mesa, ainda que o espaço seja reduzido: Rui Hildebrando, criador do manbol — meu conterrâneo, do Estado do Pará, para minha satisfação; Noélio Sobrinho, Presidente da Associação Brasileira de Surf na Pororoca, outro conterrâneo; Weber de Azevedo Magalhães, Vice-Presidente da Confederação Brasileira de Futebol de Salão — é um prazer recebê-lo, sou muito grato pela sua presença; Rafael Thomaz Favetti, Presidente da Comissão Atlética Brasileira de Artes Marciais Mistas — muito obrigado pela sua presença; e Lana Miranda, atleta representante da Confederação Brasileira de Futevôlei. *(Pausa)* Ela está na posse do Ministro. Então, quando chegar, tomará assento à mesa.

Faço um apelo para que todos os representantes de prática de esportes que não poderão compor a Mesa, por questões físicas, se sintam aqui conosco, todos os nossos convidados da primeira e da segunda fila.

Ao longo da audiência, nós vamos registrar a presença de todos os senhores.

Eu agradeço, de antemão, a presença de todos os nossos convidados.

Queria registrar a presença de Sergio Zaccaro, criador do zaccaro ball; Marcos Juliano Ofenbock, Presidente da Confederação Brasileira de Futsac e criador do futsac; Noélio Sobrinho, Presidente da Associação Brasileira de Surf na Pororoca, nosso conterrâneo paraense; Lázaro Zeferino, Diretor-Executivo da Confederação Brasileira de Frescobol; Alcir Horário da Silva, atleta de frescobol e



professor de Educação Física da Universidade Federal de Goiás; Miguel Frausino Pereira Junior, Presidente da Federação Goiana de Biribol; Cláudio Gomes Mendes, criador do sorvebol; Wesley Alan dos Santos Pereira, Diretor Estadual de Tapembol do Distrito Federal; e André Galvão, representante da capoeira.

Não sei se esqueci alguém. Cometi algum lapso? Digam-me, por favor, porque esse é o maior pecado que podemos cometer aqui. *(Pausa.)* Esqueci-me do nosso Pedro Mattei, criador do *shark surf*.

Muito obrigado também aos demais convidados, assessores e técnicos da Casa, representantes de outras entidades que estão presentes na nossa audiência.

Informo também que foi convidada a Confederação Brasileira de Peteca, mas, por razões alheias ao nosso conhecimento, não pôde comparecer. Também temos a presença de vários atletas, que vamos registrar: Amilton Alberto Fonseca Júnior, Vice-Presidente da Federação Goiana de Biribol; Ricardo Fernandes, Diretor Executivo da Associação Brasileira de Surf na Pororoca, já registrado aqui.

Antes de passar à exposição dos nossos convidados, quero informar as regras de condução desta audiência pública.

Cada um dos nossos convidados à Mesa terá o tempo de 10 minutos, no máximo, para fazer as suas considerações iniciais, sem poder ser aparteado.

Após as exposições, serão abertos os debates aos Deputados interessados da plateia — que vamos tentar revezar, sem muita formalidade — por 3 minutos, para que o máximo de oradores possa ter o direito de participar da nossa discussão.

Também quero comunicar que esta audiência pública está sendo transmitida pelo Portal e-Democracia, com *link* disponível na página da Comissão do Esporte da Câmara dos Deputados. Por isso a necessidade de cada orador identificar sucintamente qual é seu esporte e qual é seu nome. Isso facilitará, principalmente, a identificação para nossos internautas que estão acompanhando e que poderão, ao longo desta audiência, também participar do nosso debate.

Sem maiores delongas, passo a palavra agora ao Rui Hildebrando, para fazer suas considerações iniciais, por 10 minutos.

O SR. RUI HILDEBRANDO - Experimentando o Parlamento brasileiro, quero saudar a todos e cumprimentar os assessores, Deputados presentes e o Presidente, nosso querido amigo do Pará, Deputado Arnaldo Jordy.



Meu nome é Rui Hildebrando, sou idealizador e criador de uma modalidade genuinamente paraense, amazônica, o Manbol, um esporte que usa esse artefato pequeno. (*Mostra bola de manbol.*) Essa bolinha hoje é fabricada no Paquistão, em Siakolt, porque já ganhou um potencial industrial.

Essa modalidade esportiva já é praticada em várias partes do Brasil. Até na América Latina identificamos, como no Equador, em Montevidéu, uma prática muito bem desenvolvida. Em São Paulo há um grande potencial: temos uma federação que está desenvolvendo na Grande São Paulo a modalidade como desporto escolar.

O Governador do Estado do Pará sancionou recentemente, neste mês de março, a lei que declara e reconhece como de utilidade pública a Associação Manbol Brasil — AMB, que foi fundada no Pará.

Essa é a única modalidade no mundo que se pratica com duas bolas simultaneamente. É um esporte diferente, inovador, mas ainda é desconhecido do grande público.

No Brasil temos uma política de esporte muito bem debatida. Desde 2001 se criou a Lei Agnelo/Piva, a Lei Pelé e se debate todo tipo de modalidade esportiva. Agora, os esportes de identidade cultural nacional ainda são vistos numa visão periférica, ainda não são observados e não são valorizados.

Eu estou aqui na qualidade de representante não só da modalidade Manbol, mas de um conjunto de esportes no Brasil. Hoje, por pesquisa própria, eu já identifiquei mais de 14 manifestações nacionais. Nos Estados de Minas Gerais, São Paulo, em cada parte do Brasil há um brasileiro que cria uma ideia para colocar o nosso corpo em movimento e nos permitir ter mais opções de atividades de lazer.

Infelizmente, uma parte do Brasil ainda carrega a síndrome do vira-lata. Só queremos enxergar o esporte que vem de fora, que vem da Europa, da França, dos Estados Unidos. Até o *Parkour*, recentemente, que alguém começa a correr pulando muro, pulando cerca, já é transmitido ao vivo por grandes emissoras de televisão e recebe recursos. Esportes com atividades no gelo ou na neve recebem no Brasil mais de 7 milhões de reais! Eu nunca vi nem gelo nem neve no Brasil. Esportes como o *Wrestling*, de luta greco-romana, também está na classificação de mais de 3,5 milhões de reais.



Assim, faço um apelo a vocês, meus amigos, querido Deputado Arnaldo Jordy, a Constituição Federal, no art. 217, IV, estabelece, obrigatoriamente — a palavra está lá na Constituição — que os esportes considerados de identidades e manifestação nacional precisam ser fomentados, apoiados, incentivados. Está na Constituição, mas não há regulamentação para isso.

Muito bom que alguém tenha pensado em colocar na Constituição porque depois irão questionar. E estamos fazendo isso nesta audiência pública, pedindo ao Parlamento brasileiro que olhe para isso. O Brasil tem potencial de exportar esporte, de levar para a França, para os Estados Unidos, para China modalidades criadas aqui. Não podemos apenas viver praticando esportes que vêm de fora.

Garanto com muita convicção que o Manbol hoje já está em muitas escolas do meu Estado do Pará. Espero, em 2018 e em 2019, ampliar para vários Estados do Brasil. Essa é uma modalidade que causa estranheza, óbvio, para quem tem o contato pela primeira vez com essa bolinha, porque configuramos que bola tem que ser redonda no País do futebol. Outros remetem à ideia do esporte do rúgbi ou do futebol americano, com aquela bola oval, grande. Não é isso.

O Manbol é praticado numa quadra de 10 metros por 5 metros. Eu tenho um vídeo que mostra a modalidade. Se possível, quero compartilhar meu tempo, inclusive, com esse vídeo, para que não fique apenas na oratória e na fala, fique no conhecimento visual de vocês a prática. Vejam o vídeo institucional. Depois, eu complemento e concluo.

(Exibição de vídeo.)

O SR. RUI HILDEBRANDO - Pessoal, essa última parte, que tem 30 segundos, está aí só para vocês verem a prática individual e a feita em dupla. Há uma rede que divide a quadra, e foram implementadas duas bolas. Portanto, o esporte traz toda uma inovação até no material esportivo.

Nós temos um *site* moderno, completo, com base pedagógica, assim como um material contendo grande quantidade de informação. Isso está hoje muito disponível para todo o Brasil e para fora do País.

Para concluir a minha parte, existe uma proposta, Deputado, que eu não sei se é cabível apresentar neste primeiro momento ou num segundo momento. De forma conjunta, muitas modalidades identificadas como manifestas no Brasil



fecharam questão em torno dessa proposta, e nós queremos apresentá-la à audiência pública, para que os nossos Deputados possam buscar nela um caminho para transformar em lei a valorização dos esportes brasileiros.

O Brasil precisa valorizar o que é nosso. Não podemos mais padecer diante de tanta negligência social. Os esportes olímpicos, de alto rendimento, hoje estão no topo da pirâmide, e nós os apoiamos, mas não podemos também esperar que só o alto rendimento contribua com o País, porque é uma pequena parcela seleta da sociedade que tem acesso a ele. São gastos quase 300 milhões de reais anualmente com modalidades olímpicas, e medalhas não vêm. Enquanto isso, nas favelas, nos morros, nas cidades longínquas, a população não consegue praticar esportes. No Brasil 63% da população é sedentária em algum grau. É preciso discutir com muita transparência a valorização de novas alternativas esportivas, amigos, e estamos aqui para isso.

Muito obrigado.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Obrigado, Rui.

Passo a palavra agora ao Sr. Waber de Azevedo Magalhães, que é Vice-Presidente da Confederação Brasileira de Futebol de Salão — CBFS.

O SR. WEBER DE AZEVEDO MAGALHÃES - Boa tarde a todos. Quero cumprimentar por essa brilhante iniciativa o Deputado Arnaldo Jordy, que está presidindo a sessão; o Deputado João Derly, oriundo do judô, e também o Deputado Roberto Góes, Presidente da Federação Amapaense de Futebol. Acho que é de fundamental importância que esses esportes de criação nacional sejam realmente difundidos, tenham visibilidade com maior frequência, pois vários adeptos os praticam no País.

Estamos felizes com a nossa participação, por estarmos aqui com vocês hoje, junto com pessoas ligadas a outros esportes. Hoje estão presentes aqui representantes do frescobol, do futsal, do futsac, do manbol, do sorvebol, do surf na pororoca, do tapembol e do zaccaro ball. Alguns deles eu até não conhecia, e é de fundamental importância que essa Casa os conheça, até para que possamos realmente, como bem falou o Rui Hildebrando, conseguir recursos para que difundir mais o esporte.



Nós do futsal estamos reestruturando, retomando a marca. A modalidade teve a felicidade de receber apoio dos Correios, da Chevrolet e do Banco do Brasil durante 10 anos. Infelizmente hoje, depois desse tempo, o futsal não tem uma sede. Foram investidos quase 500 milhões de reais, até porque a seleção também recebia recursos, e hoje esse esporte está se reestruturando, com o apoio, inclusive, de marcas que estão tentando solucionar essa questão do futsal.

O futsal é muito importante, porque também é um esporte de criação nacional e é praticado em todo o País. Ele, o futebol, o basquete e o vôlei são as quatro modalidades bastante difundidas. E, mesmo com essa condição toda, temos dificuldade. Então, eu imagino que para essas modalidades que não têm esse apoio a dificuldade é bastante intensa.

Eu tive a felicidade de ser Secretário de Esporte em Brasília e conheci algumas modalidades que eram pouco praticadas. Nós as difundimos, e isso deu resultado para algumas.

Essas modalidades precisam realmente ter um apoio do Governo, do Ministério do Esporte. O Hildebrando fez muito bem em colocar a questão da verba. Se todos estiverem unidos, sem dúvida nenhuma os Deputados, a Casa poderá ajudar, e muito. Temos aí companheiros sensíveis à causa esportiva, como o próprio Deputado Arnaldo Jordy, que é conhecedor do tema, já esteve à frente de vários debates sobre o esporte e pode nos ajudar.

Os Deputados ligados ao esporte podem fazer uma frente. Tivemos a felicidade de ter no Congresso a Frente Parlamentar Mista em Defesa do Futsal, que inclusive foi presidida pelo seu companheiro Deputado Bacelar, tendo como Vice o Deputado Alexandre Baldy, de Goiás, que hoje é Ministro, ou melhor, já saiu, já se desincompatibilizou, porque vai concorrer. Então, poderia ser criada uma frente até ampla, não só do futsal, mas dos esportes de criação nacional. Ela seria importante para nós conseguirmos projetos e também apoio, principalmente na área financeira.

(Segue-se exibição de imagens.)

Passarei brevemente pela parte da apresentação que explica o que é o futsal, só para que vocês tenham um pouco de informação, e vou falar rapidamente.



O futsal, uma parceria genuinamente brasileira, nasceu em 1940. Dos 209 países filiados à FIFA, 150 já praticam o esporte e 122 participaram da última Copa. Já foram disputados 17 títulos mundiais.

A CBFS é a única entidade no mundo desvinculada de uma confederação de futebol. Na Espanha, por exemplo, o futsal é ligado diretamente à confederação espanhola de futebol, e no Brasil existe essa Confederação Brasileira de Futebol de Salão, composta por 27 federações. Mas ela só se comunica com a FIFA através da CBF, de forma diretamente vinculada à CBF. Isso ocorre também com o beach soccer, outra modalidade que se comunica com a FIFA através da CBF, a qual é ligada.

O futsal tem 27 federações estaduais, 12 milhões de praticantes, 467 mil atletas filiados e 6.127 clubes.

Vejam os números da audiência do futsal. Anualmente a modalidade impacta 70 milhões de pessoas pela televisão e 53 milhões de pessoas pelas mídias sociais, sendo que ocorrem 300 mil jogos de futsal por ano em todo o território nacional.

Pela primeira vez na história a FIFA e o COI confirmaram a participação do futsal nos Jogos Olímpicos da Juventude de 2018, que acontecerão na cidade de Buenos Aires. A ação é uma vitória para a modalidade, pois servirá para que possamos brigar para ir à próxima Olimpíada.

Aqui é mostrado o comportamento dos telespectadores. Dessa forma, vocês podem ter uma noção de qual é a frequência com que as pessoas acompanham esporte.

Ainda em relação ao comportamento dos telespectadores, há também dados relativos à faixa etária. Essa apresentação estará disponível depois para quem quiser vê-la.

O futsal já atingiu 51 milhões de telespectadores por ano em 22 jogos. Em média, a audiência foi de 20 milhões de espectadores por jogo na *TV Globo*. Foram 31 horas e 57 minutos de exibição. Também houve o Grand Prix. A partida Brasil x Portugal atingiu 2 milhões e 100 mil pessoas no *SporTV*. Da relação entre o futsal e a mídia, segundo levantamento da própria *SporTV*, houve 310 milhões de reais em retorno, em 426 jogos, com 472 horas de exibição na televisão, sendo 108 transmissões ao vivo.



Quanto às mídias oficiais, no Facebook, temos a terceira maior página das confederações brasileiras, com 322 mil curtidas; no Instagram, temos 68 mil seguidores — antes eram 1.400 seguidores —; no Twitter, temos 5.480 seguidores.

Cito os avanços da nova gestão. Nós retomamos a confederação há 2 anos. Hoje estamos trabalhando com: regularização das certidões da entidade; aprovação das prestações de conta; criação do Seminário Nacional de Futsal; adesão ao PROFUT; criação da Frente Parlamentar; retorno das datas de transmissão pelo *Esporte Espetacular*.

Somos um esporte não olímpico. A criação da Frente Parlamentar Mista em Defesa do Futsal teve por objetivo valorizar e estimular a profissionalização dos atletas, como já foi falado para vocês, e discutir políticas públicas para desenvolvimento da modalidade esportiva. O Deputado Bacelar, do PTN da Bahia, em parceria com a confederação, criou essa frente, que deu grande impulso ao futsal.

A Confederação Brasileira de Futsal se encontra apta para atender aos requisitos de governança corporativa dos parceiros: regulamento de contratos; auditoria independente; Comitê de Apoio ao Conselho Diretor; composição e transparência.

Em relação à transparência, é preciso garantir que os membros do Conselho Fiscal: sejam capazes de executar o seu trabalho, sem interferir no dia a dia da administração; tenham livre acesso a todas as dependências e instalações da patrocinada; e tenham acesso às informações necessárias a qualquer tipo de análise de maneira tempestiva.

Quanto à legislação pertinente, é preciso apresentar ao patrocinador, anualmente, até 30 de abril de cada ano, certificação emitida pelo Ministério do Esporte sobre o cumprimento da lei. Também estamos atualizando a nossa Ouvidoria. Há mais questões envolvendo a transparência, como o Código de Ética. Nós estamos aprovando um novo texto para o futsal, o que é muito importante.

Hoje, segundo dados estatísticos, a Seleção Brasileira de Futsal já conquistou mais de 70 títulos, com 93% de aproveitamento. A Seleção Feminina de Futsal venceu todos os torneios mundiais disputados até o momento, sendo pentacampeã mundial.



Os principais títulos já conquistados foram: sete vezes Campeão do Mundo; oito vezes Campeão do Grand Prix; seis vezes Melhor Jogador do Mundo; cinco vezes Campeão Mundial Feminino; seis vezes Campeão Sul-Americano Sub-20; quatro vezes Medalha de ouro nos Jogos Sul-Americanos, em 2002, 2006, 2010 e 2014; Medalha de Ouro nos Jogos Pan-Americanos de 2007; Melhor Jogadora do Mundo — o título atualmente é nosso.

Esses só foram alguns dados do futsal. Apesar de todos eles serem importantes e positivos, nós temos dificuldade em obter recursos. Como eu falei, fizeram todo um trabalho. Mas, depois de 10 anos, a confederação perdeu toda a credibilidade. Para retomar a marca, é muito difícil. Então, estamos tentando retomá-la, de uma maneira positiva, transparente, com vocês, que são dos esportes de criação nacional. Juntos, nós podemos fazer um grande trabalho na Câmara Federal, para incluirmos, no orçamento do Ministério do Esporte, um percentual que venha atender a todos os esportes de criação nacional.

Muito obrigado a todos.

Desculpem-me por eu ter me alongado no tempo.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Weber, muito obrigado pela exposição. Estamos na corrente para que o futsal seja incluído como modalidade olímpica. Essa participação nos Jogos Olímpicos da Juventude é quase um passaporte para isso. Em breve, nós teremos essa conquista para o futsal, que é do Brasil e de alguns países latino-americanos. Depois a modalidade foi para a Espanha, Portugal, etc., e hoje tem esse protagonismo demonstrado nos números.

Passo a palavra agora ao Sr. Rafael Thomaz Favetti, representante das artes marciais, para fazer as suas considerações.

O SR. RAFAEL THOMAZ FAVETTI - Boa tarde a todos. O MMA ficou mundialmente conhecido evidentemente e é talvez um dos esportes que mais cresce no mundo. No Brasil, é impressionante o número de pessoas não praticantes que são telespectadoras e que gostam do esporte. Apesar da sigla inglesa, MMA — Artes Marciais Mistas, há 3 anos ou 4 anos, nós conseguimos fazer passar, no Conselho Nacional de Esporte, especialmente na Comissão de Juristas, a posição de que o MMA é de criação nacional. Então, isso já está relativamente sedimentado. As principais organizadoras de MMA do mundo já reconhecem o esporte como



sendo de origem brasileira. Então, para nós, isso é extremamente importante, extremamente salutar.

Como é um esporte muito novo também, que deu muito certo, que cresce absurdamente no mundo inteiro, ele nos propiciou um tipo de organização diferente do resto do mundo. No Brasil, a nossa Comissão Atlética Brasileira de MMA é absolutamente *sui generis*. Nós não seguimos o modelo federativo, apesar de a Lei Pelé ser muito complicada para qualquer outra modalidade, porque é pensada basicamente para o futebol.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Rafael, permita-me interrompê-lo. Vou passar a Presidência a outro Deputado, porque tenho que votar na Comissão de Meio Ambiente. Obrigado e me desculpe. Pode continuar.

O SR. RAFAEL THOMAZ FAVETTI - Então, é um esporte muito novo e de criação nacional, o que nos permitiu criar, no Brasil, um novo formato de regulação, que é a Comissão Atlética Brasileira de MMA, que não segue os parâmetros tradicionais do federalismo mundial.

Vocês devem saber melhor do que eu que o federalismo mundial foi criado basicamente ao se trazer o Direito do Trabalho para os esportes. Essa é uma criação de Getúlio Vargas e, como tal, é autoritária. Na nossa visão, tanto o Brasil quanto o resto do mundo, na organização do COB e na organização do COI, seguem esse modelo fundado em federações. E a Constituição brasileira é completamente oposta, contrária a isso, porque joga os esportes para o terreno da representatividade. A Constituição brasileira é clara e a intenção dela é que a representatividade, tanto é que ela oferece autonomia às entidades financeiras... E o único caso que existe na Constituição de não acionar o Judiciário... Porque, como V.Exas. sabem, o acesso à justiça no Brasil é universal, é cogente, é amplo, é irrestrito, por aí vai. Mas o único senão que diz a Constituição em relação ao acesso universal à justiça é a justiça desportiva. Você tem que esgotar a questão da justiça desportiva primeiro, e, depois, se não ficar, por questões de legitimidade só, e somente só, você pode acionar a justiça comum.

Isso quer dizer o quê? Que a proposta constitucional para o esporte no Brasil é uma proposta de representatividade e legitimidade. Entretanto, a Lei Pelé tem os dois olhos, os dois pés, só e somente só, em um esporte, que é o futebol. É muito



difícil aqui para os esportes de criação nacional e alguns importantes também que a gente carinhosamente cita, que não estão presentes, como a capoeira, que leva o nome do Brasil para o mundo inteiro, como o jiu-jitsu, que é conhecido no mundo inteiro como *Brazilian jiu-jitsu*, portanto, leva o nome do Brasil de graça para o mundo inteiro.

Então, se você pegar e fizer um cálculo orçamentário simples com a conta de padeiro, o quanto a gente gasta com o Itamaraty e com as festas que o Itamaraty faz para promover o Brasil, e quanto se gasta com a capoeira, com o BJJ, com o MMA, que faz uma propaganda de graça para o Brasil, vai concluir que é impressionantemente ineficaz o que se gasta com o Itamaraty e é eficaz o que não se gasta com os esportes.

Isso é para dizer o quê? Que é importante que novas licitações, novas Legislaturas também, porque ano que vem começa outra Legislatura, olhem de maneira um pouco mais qualificada, um pouco mais interessada e um pouco mais comprometida com o que diz a Constituição brasileira e o que é o sentimento da população brasileira em relação aos esportes, em especial, os esportes de criação nacional. É de cortar o coração, é de arreentar o fígado de um brasileiro, quando você vê que um evento de Cosme e Damião tem menos popularidade hoje do que Halloween, que não é uma coisa brasileira, é uma coisa importada, é uma coisa que absolutamente não tem nada a ver. E a gente está perdendo espaço cultural. E, se nós perdemos espaço cultural, esse é o fim da Nação.

Na minha visão, o que está acontecendo com problemas, enfim, que não são de esportes, mas que são culturais, em relação à Constituição, é muito mais significativo se a Nação não se tocar e não tiver a consciência de que através de pequenas coisas culturais, em especial... O esporte sempre começa com uma questão cultural. Não existe histórico de esporte que começa como esporte olímpico, competitivo, de alto rendimento. Todos os esportes de alto rendimento hoje, todos os esportes olímpicos hoje, todos os esportes bem estruturados hoje, começaram como uma questão cultural. Portanto, o esporte faz parte do grande terreno cultural brasileiro.

E se nós não olharmos para os esportes, especialmente os esportes de criação nacional, da maneira como a Constituição determina, na verdade, não são



os esportes que estão perdendo, mas a cultura brasileira, e o próprio Brasil, portanto. Porque, como eu disse para V.Exas., não pego o termômetro só e somente só nos esportes, pego o termômetro em outras questões: quanto menos feijão e arroz se venderem nos self-services e mais hambúrgueres se venderem nos self-services, a brasilidade estará perdendo. E, perdendo a brasilidade, não resta muito. Quer dizer, a situação é meio caótica.

Portanto, precisamos de iniciativas de valorização dos esportes como eles são. Precisamos também de vivenciar o sentimento de que não existe só um modelo de esporte.

A Lei Pelé está sempre prestes a ser modificada, mas isso sempre acontece com olhos voltados para o futebol, que evidentemente é um esporte que todos gostamos. O futebol no Brasil é algo além de esporte e cultura, ele é quase uma religião. Há estudos que mostram que existem fãs de futebol que colocam o seu time sobre a questão federativa e, às vezes, sobre a familiar. Aceitamos isso muito bem, entretanto, uma lei de caráter geral e genérico, como é a lei especial para o desporto, não pode pensar apenas em um esporte, porque fazendo isso limita a criação. Vejo aqui todo mundo tentando fazer a sua federação etc., para promover o seu esporte, mas que fica limitado nessa questão federativa. Podemos comparar isso ao antigo Código Civil que tinha ene limitações para criação de associação.

Uma das maneiras de promover o capital social, a ascensão e a emancipação da sociedade é através das associações. O antigo Código Civil era amarrado, difícil, e não permitia a criação de associações. Ele era extremamente complicado, cartorial e burocrático. O que fez o novo Código Civil? Ele flexibilizou a criação das associações. Não temos isso no movimento desportivo. Todo mundo aqui tenta fazer uma federação, mas normalmente elas são de papel, inexistentes, que não têm vida por dentro. Elas são só de papel, são burocráticas etc. Por quê? Porque tentam se amoldar à legislação inexistente, tentam se amoldar à Lei Pelé, que foi feita pensando no futebol.

Futebol é um esporte olímpico maduro e que tem, pelo menos no Brasil, o maior campeonato brasileiro de televisão etc. e a principal conduta esportiva brasileira, que é a Seleção Brasileira de Futebol. Então, na minha visão, o futebol não precisaria de lei, porque ele já está maduro e sedimentado.



Quando você tem uma lei com olhos só no só no futebol, especialmente no futebol profissional e contra o que diz a Constituição, porque ela fala sobre a autonomia das entidades, diante dessa realidade existente, temos todo esse problema, que é a tentativa de união dos esportes de criação nacional para dizer basicamente que existem. A maioria dos esportes está tentando dizer: *“Ei! No Estado brasileiro, eu existo. Dois, eu sou de criação nacional. E três, I need help.”* Todo mundo está aqui basicamente pedindo ajuda aos órgãos e ao poder público brasileiro para dizer que precisa de algo.

Acho que, para as próximas legislações, especialmente para as próximas Legislaturas, é preciso olhar a modificação da Lei Pelé, para que, dentro dessa lei ou nas modificações de legislações, seja permitida a criação de modelos associativos diferenciados do que é uma federação, para que todos esses esportes que estão aqui sejam representados. Acho que esse é o caminho. O caminho é a constitucionalização do esporte. Ainda estamos num processo de “portarialização” dos esportes, numa decretação cartorial fechada, difícil, complicada, burocrática dos esportes. Quanto mais abirmos isso, todos os outros esportes poderão elevar a sua cultura e fazer com que os brasileiros gostem cada vez mais de cada modalidade esportiva.

Muito obrigado.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Capitão Fábio Abreu) - Agradeço ao Sr. Rafael.

Quero abrir um parêntese aqui, Sr. Rafael, com relação ao esporte. Também estou aqui na condição de membro da Comissão de Segurança Pública e Combate ao Crime Organizado. Sou capitão de polícia do Estado do Piauí, onde temos a Sarah Menezes, que muito bem representou o nosso País. Sempre defendi, é lógico, a segurança pública como prioridade, mas vejo uma relação muito direta do esporte, independentemente da modalidade, com a segurança pública, com a questão direta do que eu vivi nas ruas, porque sempre trabalhei na rua. Esporte é, sim, fundamental. Tenho a plena certeza de que o esporte tem uma abrangência muito maior até do que a proposição de cada classificação.

Passo a palavra ao Sr. Sergio Zaccaro.

O SR. SERGIO ZACCARO - Boa tarde.



É um prazer estar aqui hoje, depois de muita luta, de muita dificuldade. Eu tenho 67 anos e sou professor de educação física, formado, em 1974, pela Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Na década de 90, pude observar um *boom* bacana do nosso querido Gustavo Kuerten, o Guga. O Brasil era o País só do futebol, e, de repente, começou a conhecer outros esportes, como o tênis. Um garoto pobre, humilde, órfão, conseguiu ser o número 1 do mundo. Aquilo foi uma coisa maravilhosa!

E eu, trabalhando com esporte em geral — já fui campeão de remo, de judô, de *squash*, já fiz atletismo, já joguei tênis —, estou sempre observando, principalmente as crianças. Já trabalhei muito com criança. Já fui professor de judô de mais de 500 crianças. E eu comecei a observar que, depois de um determinado tempo de treinamento, o tênis e todos os outros esportes que exigem o uso de raquete só são jogados com uma única mão. E o que acontece? Eu observei que um lado do atleta ficava desfavorecido. Ele apresentava um lado superdesenvolvido e o outro não. Foi quando eu pensei numa forma de amenizar aquela situação. Eu não queria parar com aquilo; pelo contrário, eu fiz 30 anos de *squash*, eu jogo tênis. Esses esportes são muito bacanas, mas existe essa coisa que acontece, que é esse desenvolvimento unilateral.

Eu estava preocupado com isso. Eu já estava tenso, lendo, procurando, pesquisando. E isso culminou com a lesão que o Guga sofreu, aos 28 anos, no início de uma carreira. O Guga simplesmente encerrou sua carreira com 28 anos. Ele teve um problema sério no quadril que desgastou toda a cartilagem, pela repetição do mesmo movimento por diversas vezes. Ele procurou médicos do mundo inteiro, mas eles não conseguiram reverter aquela situação.

Então, eu comecei a pensar numa forma de criar um esporte que pudesse ser jogado com as duas mãos, e criei o *zaccaro ball*, que veio a ter o meu nome. Os amigos do esporte que me conheciam por Zaccaro colocaram o meu nome no esporte, e eu, como já era conhecido, deixei. A verdade é que eu tenho o maior orgulho de ter o meu nome no esporte. Um médico estuda a vida toda para conseguir a cura do câncer, uma vacina contra a AIDS, e um professor deixa um esporte para a posteridade.



Talvez, eu já não esteja mais aqui, mas meus netos e futuros parentes vão ver o que deixei, porque isso não é só um esporte. Eu quero que os senhores entendam que isso é muito completo.

Com esse par de raquetes se joga com as duas mãos. Todos os esportes que usam raquetes — todos, todos — são jogados com uma mão só. Ou se joga com a direita ou com a esquerda e com as mãos fechadas. Isso dificulta tremendamente para que uma pessoa consiga jogar com a mão que não é a dominante. Eu sou destro e, para jogar com a mão esquerda, vou demorar uns 3 meses para dominar mais ou menos o movimento. Qual é a diferença de se jogar com essas raquetes e com as outras? (*Mostra raquetes.*) Todas as raquetes têm cabo. A minha não tem. A minha raquete é a própria mão. Por que eu cheguei a essa conclusão? Porque eu fui pesquisar a França, em 1560, onde foi inventado o tênis, ou seja, 60 anos depois que o Brasil foi descoberto. Imaginem há quanto tempo? E se chamava *le jeu des palmiers*, o jogo das palmas. Eu fiquei pensando: se, em 1560, jogava-se com as palmas das mãos, por que não se jogar hoje?

Eu simplesmente trouxe o passado para o futuro. A minha ideia foi aproveitar o que eles tinham feito lá atrás, no início, para poder alavancar essa ideia aqui. Isso não acontece só com o esporte, porque se trata de uma coisa completa. Quando você joga com a mão direita, você desenvolve o lado esquerdo do cérebro, que é a parte mais importante do corpo. Quando você joga com a mão esquerda, você desenvolve o lado direito. Essa é a lateralidade.

Pessoas jovens, com 50 anos, estão contraindo o Mal de Alzheimer, tendo Acidente Vascular Cerebral — AVC. Qual é a principal causa disso? Levar a vida inteira trabalhando um único lado. O outro lado cria uma gordura, que podemos chamar de ferrugem. O sangue tem que subir e circular pelo corpo. Se ele vai até a cabeça e encontra uma obstrução, ele retorna, não passa. E é isso exatamente o que acontece com as pessoas que contraem o Mal de Alzheimer. Elas ficam senis. Há pessoas com 50 anos que não conhecem mais os filhos, os netos.

Então, há esses benefícios. Joga-se pingue-pongue com essa raquete, como está no telão. Aquilo lá também é uma criação minha, um pingue-pongue de chão. Todo o mundo gosta de jogar pingue-pongue, mas quase ninguém joga, porque a mesa é enorme, é cara.



Eu criei uma redinha dobrável, e a pessoa faz a marcação com um giz no chão e joga. A pessoa pode jogar com as duas mãos, como se joga vôlei, e também com uma mão só, como se joga basquete, biribol. O pessoal do biribol e do handebol tem usado as minhas mãozinhas, que também servem para nadar os quatro tiros.

Eu tenho aqui prospectos da campeã olímpica Sandra Pires, nadando com as minhas mãozinhas na AABB, lá no Rio, indo à ginástica.

Então, é uma coisa com a qual os professores de educação física estão maravilhados, porque, conforme esta ideia, com um único material, eles podem trabalhar 10, 12 atividades, podem jogar peteca, em vez de jogar com a bola.

Então, é muita coisa acontecendo ao mesmo tempo, e é nosso, foi criado aqui. Eu sou brasileiro, sou carioca, a primeira vez que nós jogamos foi na praia de Ipanema, eu quase não podia jogar porque as pessoas todas perguntavam: “*que esporte é este? Que esporte é este?*” Todo o mundo querendo saber, a bola não caía.

Eu e o meu parceiro fomos campeões de *squash*, jogávamos muito bem, tínhamos muita habilidade. Eu não tinha dado nem nome, foi o primeiro dia, eu cheguei em casa e tive um estalo, cortei as raquetes de frescobol que eu tinha, há um amigo do frescobol aqui, fui à loja de ferragens, comprei 2 alças, as mais baratas que havia lá, coloquei, fomos jogar na praia para testar o material. E o troço foi superbacana, todo o mundo perguntando e querendo saber o que era. Eu não tinha dado nome. As pessoas queriam saber o nome.

Eu, então, para poder agradar as pessoas, para poder responder e para poder continuar praticando, que eu não conseguia jogar, falei: é Mariquinha e Maricota. Aí a mulher me olhou com uma cara estranha e falou: “*mas por quê?*” Eu falei: é porque é com a direita e com a canhota. O meu parceiro caiu no chão rolando de rir, porque não sabia que eu ia falar essa gracinha.

Resumindo, não importa o nome, o nome está dado, zaccaro ball é um nome grande, um nome importado, então, eu coloquei Zbol. Alguns podem chamar de Zbol também, porque é uma coisa mais infantil. As raquetes, hoje, estão assim, mas há raquetes de madeira também.



A minha grande alegria é que as crianças a adotaram, as crianças adoram, colocam a mão, e os professores reclamam comigo que têm que arrancar a raquete da mão delas, quando o sinal toca para outra aula, porque elas não querem largar as raquetes. Chamamos de mãozinhas mágicas, porque elas podem ser usadas para tudo.

Então, é isto o que quero: quero só apoio, incentivo e reconhecimento. Não quero muita coisa, não; eu quero só que as pessoas prestigiem o que é nosso também, porque tudo tem nome estrangeiro, o esporte é estrangeiro, é inglês, francês, e o nosso? Vamos prestigiar o que é nosso, gente, o que nasceu aqui.

Eu estudei, me formei, trabalhei e vou deixar um esporte novo, o Zbol, o zaccaro ball, para a turma que vem aí. Mas lembrem-se bem de que, quando eu comecei a falar, falei que foi na década de 90 que tive a ideia. Eu só pude trazer essa minha ideia para o plano normal, em 2014, quando eu me aposentei, por quê? Porque vocês sabem quanto custa uma patente? Vocês sabem quanto custa a compra dos maquinários mínimos para poder começar uma atividade como esta? Custa caro. Eu era professor, sou professor, com muito orgulho, mas não tinha essa renda.

Então, eu tinha um único apartamento, deixado pelos meus pais, que era meu e dos meus 2 irmãos, consegui comprar a parte deles, vendi o apartamento e botei na minha ideia. Isso aqui é um sonho.

É só isto o que eu peço, uma ajuda, um reconhecimento. Eu já mandei centenas de *e-mails* para várias emissoras de televisão e nem responderam. Ninguém disse: *“Olha, não vai dar por enquanto. Aguarde, porque um dia a gente te procura”*. Não responderam. É uma coisa grave. As pessoas estão perdendo completamente a noção de tudo, do mínimo que se tem de respeito, de educação. Você, quando recebe um *e-mail*, a única coisa que tem que fazer é acrescentar que recebeu o *e-mail* e dar uma resposta. É só o que eu quero.

Então peço a vocês aqui da Casa que olhem com bons olhos para os nossos esportes, para as nossas crianças, para o nosso futuro. É a única maneira que temos de continuar. Muito obrigado. Desculpem-me a emoção. (*Palmas.*)



O SR. PRESIDENTE (Deputado Capitão Fábio Abreu) - Agradeço mais uma vez ao Sergio. Tenha certeza de que esta Casa, principalmente esta Comissão, terá atenção especial para essas ideias.

Quero destacar que o Deputado Roberto Góes, proponente desta audiência, não pôde estar presente, mas está nos acompanhando lá do Amapá.

E aproveito para cumprimentar os representantes de modalidade esportiva em destaque: futelama, Mario Frota; futebol de amputados, Wilton Barros; e MMA, Anaice.

Passo a palavra para a Sra. Lana Miranda, do futevôlei.

A SRA. LANA MIRANDA - Boa tarde a todos. É um prazer imenso estar aqui. Quero saudar a Mesa, o Deputado Capitão Fábio Abreu. Muito obrigada a todos, agradeço ao Hildebrando, ao Fabio, ao Weber, amigo sempre do esporte.

Eu estou representando a Confederação Brasileira de Futevôlei. Sou atleta, estou há 22 anos no esporte, fui dez vezes campeã mundial e conquistei 18 títulos brasileiros. Enfim, tenho um currículo extenso e ao mesmo tempo batalha e luta por um esporte brasileiro. Nós unimos o vôlei e o futebol.

(Segue-se exibição de imagens.)

É um esporte que foi criado nas areias do Rio de Janeiro, como vocês sabem, na década de 1960. Hoje se joga futevôlei nas cinco regiões brasileiras e nos seis continentes. É um esporte que está em ascensão em todas as praias, em todo o litoral; e não só no litoral, mas também em grandes capitais, como Brasília.

Este final de semana vai acontecer o Brasileiro, na cidade de Goiânia, uma cidade muito valorizada onde o futevôlei tem crescido bastante.

E nós ressaltamos a seguir o cronograma da Confederação Brasileira de Futevôlei. Como vocês podem ver, é a entidade máxima oficial da administração do futevôlei no Brasil, de caráter totalmente desportivo, sem fins lucrativos e econômicos. Constituída pelas entidades estaduais de administração do futevôlei, foi fundada na cidade de Goiânia em dezembro de 2000, e é fundadora e filiada à Federação Internacional de Futevôlei.

O futevôlei, como eu disse, está hoje nos seis continentes do mundo e é muito bem praticado. O número de praticantes vem crescendo a cada dia e a cada momento, assim como todos os esportes de revelação brasileira. Isso é muito



importante. Eu digo que é de suma importância uma audiência como esta alavancar todos esses esportes que são criados pelo Brasil. Nós temos grandes referências e grande orgulho. Eu sinto grande orgulho de ser atleta e de representar um esporte totalmente brasileiro. E quando chegamos lá fora, vemos que eles nos tratam melhor do que nos tratam aqui dentro. Infelizmente é assim. Acredito que no futevôlei e em nenhum desses esportes é diferente.

A história da Federação Internacional de Futevôlei. Fundada em dezembro de 2002, oficializou o futevôlei internacionalmente no ano de 2003, realizando o primeiro Mundial em Atenas, na Grécia. Eu estava presente, era um pouco mais nova, e estava lá representando o futevôlei, principalmente o futevôlei feminino.

Quero falar desse esporte machista, totalmente ligado ao futebol, e quero falar sobre a mulher. Sofremos preconceito ainda hoje, mas caminhamos juntos. Acredito que a cada ano nós superamos em todos os esportes. A mulher vem superando, vem quebrando paradigmas. Isso é muito importante.

A seguir, alguns dos países participantes: Brasil, Paraguai, Polônia, Itália, Portugal, Canadá, Espanha, Noruega, Tailândia.

No ano de 2004 foi realizado o primeiro Campeonato Mundial aqui no Brasil, em Brasília. Foi um sucesso realmente, e temos vídeos e *links*. Eu acho que o Weber se lembra desse Campeonato Mundial em Brasília, estava na sua gestão na Secretaria de Esportes, se não me engano. Foi no Parque da Cidade.

Em 2007 criou-se o Circuito Mundial de Futevôlei.

Na imagem, algumas marcas dos circuitos que foram criados.

Categorias: masculino, feminino, misto, 2X2, que é o tradicional, mas temos também o 3X3, o 4X4, o sub 23, o *indoor* e todos os outros.

Eventos: Campeonato Brasileiro de Futevôlei, Copa Brasil de Futevôlei, Campeonato Brasileiro de Clubes, Mundial, Sul-Americano, Desafios. Tudo isso engloba a Confederação, a Federação Internacional. O calendário de eventos é sempre muito extenso, porque, além de campeonatos brasileiros, temos muitos campeonatos regionais, estaduais ligados à Confederação.

A seguir a estrutura de quadra, a planta da arena do evento. Como vocês conhecem, é uma arena praticamente igual à do vôlei de praia. Hoje em dia nós nos associamos muito aos esportes de praia, como o frescobol, o *beach tennis*, que



também vem crescendo bastante, e a vários outros esportes realizados na praia. Nós tentamos reunir e associar isso para podermos crescer juntos, e acredito que isso vai ficar como um legado para todos vocês. Podemos sim crescer, e crescer juntos, não tem essa individualidade do esporte. Isso é bem bacana, bem legal.

As fases de organização dos eventos. O pré-evento envolve todas as reuniões, o comitê técnico, a convocação de atletas e filiados, a ativação das marcas, a própria mão de obra da estrutura do evento, as parcerias locais, todos os patrocinadores e relatórios. Aí vem o grande evento, com estrutura, torcida, patrocinadores, todas as ações, informações, redes sociais. E depois o pós-evento, que tem desmontagem, solenidade de encerramento e todo o *release* final de relatórios finais.

Metas e objetivos da Confederação e da Federação Internacional.

Fomentar o futevôlei diariamente. Assegurar os direitos aos atletas filiados, buscando sempre os órgãos competentes — cada um dos que está aqui tem o mesmo objetivo com relação a isso. Unir forças com todas as entidades estaduais, nacionais e internacionais filiadas. Promover eventos da modalidade. Difundir cada vez mais o esporte. Evoluir e conseguir ser um esporte olímpico, para juntos representarmos o nosso País.

Nas últimas Olimpíadas, nós conseguimos, através do Senador Romário, uma apresentação nas Olimpíadas. Foi logo após o término das Olimpíadas, entre as Olimpíadas e as Paralimpíadas, na Arena do Vôlei. Mas, por mudanças e outras questões do Comitê Olímpico, não foi realizada na Arena. De qualquer forma, houve realmente o evento.

Assegurar o direito à Bolsa-Atleta a todos os nossos filiados do *ranking*. Desde o ano passado, não foram abertas as inscrições da Bolsa-Atleta para os esportes internacionais. Os atletas da Confederação recebem a Bolsa-Atleta desde o ano de 2007. A Bolsa-Atleta é recebida pelos atletas do futevôlei e no ano passado não abriram as inscrições, informaram que realmente o Governo iria diminuir e ainda não se sabe se vão abrir ou não as inscrições para este ano. Então, com relação à Bolsa-Atleta, estamos sem saber dos parâmetros.

E buscar novas formas para oferecer manutenção dos atletas filiados. Tem um vídeo do futevôlei, para quem não o conhece. É um esporte muito bem



praticado. Eu peguei um vídeo feminino, é lógico, é claro, e eu jogando né! Eu não podia perder essa. *(Riso.)*

(Segue-se exibição de vídeo.)

A SRA. LANA MIRANDA - Foi realmente um grande *rally*.

Há um outro vídeo.

(Segue-se exibição de vídeo)

A SRA. LANA MIRANDA - Muitos atletas do futebol gostam e praticam o futevôlei.

Obrigada.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Capitão Fábio Abreu) - Queremos, agradecer mais uma vez Ana. Vamos torcer para que realmente se torne um esporte olímpico. Eu acredito muito que haja essa possibilidade. E que ele realmente tenha um alcance em todos o nosso País, chegando ao nosso Estado, o Piauí, pois é algo que queremos expandir, porque gostamos muito dessa parte de esporte.

Passo a palavra ao Sr. Marcos Juliano.

O SR. MARCOS JULIANO OFENBOCK - Antes de mais nada, quero agradecer ao Deputado esta oportunidade. Sinto-me honrado de estar aqui presente, pois estamos perante a elite criativa esportiva do Brasil. Sinto-me honrado de estar entre o Sr. Sérgio, do Rui, do Cláudio, do pessoal que criou novos esportes.

Eu sou o criador de um esporte oficialmente paranaense, o futsac, que é o primeiro criado na história do Estado do Paraná. Ele tem um pouco da mistura do futevôlei, que a atleta Lana joga.

Vou mostrar aos senhores rapidamente como surgiu o futsac. Muitas pessoas, se não a grande maioria delas, não o conhecem.

(Segue-se exibição de imagens.)

Eu me chamo Marcos Juliano. Tudo começou há 20 anos, quando eu morei na Austrália e, lá, eu conheci um esporte chamado *footbag*, jogado com uma bolinha pequenininha. Uma pessoa sozinha fica fazendo embaixadinhas com essa bolinha. E o um neozelandês ficou surpreso: “*no país do futebol não existe esse esporte?*” E eu respondi que não existia. Então, eu trouxe uma bolinha para cá e, em vez de eu jogar a bolinha sozinho, em modo *freestyle*, eu comecei a brincar de “altinha” de



futebol, num círculo. E foi realmente uma diversão. E aqui no Brasil ninguém conhecia esse esporte.

Daí, eu perdi as primeiras bolinhas e eu comecei a costurar novas. Aquela bolinha que está na minha mão esquerda é a primeira bolinha que costurei, em 2002. Batizei o esporte de futsac e montei a Associação Curitibana de Crochê. Hoje são 50 mulheres de baixa renda que fazem essas bolinhas de crochê. E o recheio delas é de plástico de garrafa PET reciclado. Então, é muito legal, porque o esporte envolve uma responsabilidade social e ambiental.

Daí, eu comecei a pesquisar outros esportes, como o futevôlei, como a Profa. Lana falou, que é uma criação nossa, do Rio de Janeiro; como o jogo de peteca, que é também uma criação nossa, de Minas Gerais; como o tênis, que é uma invenção inglesa, do século retrasado; como o badminton, também uma invenção inglesa; deparei-me com um esporte criado na Tailândia, o sepak takraw, da década de 40, um futevôlei samurai, e desenvolvi uma quadra oficial de futsac, que mede 5 metros de largura por 10 metros de comprimento, com um uma rede de 1 metro e meio de altura.

O objetivo do jogo é derrubar a bola no campo adversário. São disputados três sets de até 21 pontos corridos, sem vantagem, e se joga na modalidade individual ou duplas. Na modalidade individual, podem-se dar no máximo dois toques na bolinha. Em duplas, podem ser dados dois toques na bolinha e cinco toques no conjunto da dupla.

Em 2007, eu fiz o primeiro campeonato da história. Eu fiz uma quadra no fundo do quintal, onde hoje é sede da Confederação Brasileira, e lá fiz esse primeiro campeonato. E ganhei o campeonato. E os caras disseram: “Ah! Mas você inventou o Esporte, né?” Deram risada: tinha que fazer o dever de casa. Mas eu vi que era uma modalidade.

Em 2008, eu levei o esporte para Santa Catarina. Uns amigos meus começaram a jogar na Praia de Itapema. No final de 2008, conseguimos fazer o primeiro campeonato brasileiro da modalidade, na praça. O Secretário de Esporte viu como era barato implantar o esporte. Ele só pintou no *paver* as linhas, chumbou as traves e, com 3 mil reais, ele colocou três quadras na praça pública.



Criei em 2009 a Federação Paranaense do esporte, para oficializar a modalidade e, ainda em 2009, trouxe um campeonato brasileiro para o Rio de Janeiro. Em 2010 fiz um campeonato brasileiro em Curitiba para mostrar o esporte às autoridades, e conseguimos construir as primeiras quadras públicas de futsal no Parque Barigui, em Curitiba.

Em 2011, eu montei a Federação Gaúcha e a Federação Catarinense do Esporte. Em 2012 montei a Confederação Brasileira, da qual eu sou Presidente.

O Futsal foi reconhecido pelo Conselho Federal de Educação Física, pelo Conselho Regional de Educação Física.

Em 2013, houve uma revolução na metodologia do aprendizado, porque, apesar de no esporte oficial não se utilizarem as mãos, desenvolvemos uma metodologia na qual o aprendiz começa a brincar com as mãos para depois, com uma evolução pedagógica, aprender com os pés.

O futsal está agora sendo inserido em todas as escolas municipais de Curitiba para crianças a partir de 5 anos de idade como ferramenta de desenvolvimento motor.

Em 2014 eu tive a oportunidade de mostrar o futsal ao Ministério do Esporte, em uma reunião do Conselho Nacional do Esporte, e, no mesmo ano, oficializamos a modalidade perante o Ministério do Esporte, numa cerimônia em que, inclusive, o Deputado Evandro Roman, que faz parte da Comissão do Esporte, esteve presente ainda como Secretário Estadual de Esporte.

Em 2015 tivemos aprovada uma lei municipal reconhecendo o futsal como esporte criado em Curitiba. Em 2016, foi aprovada uma lei estadual, na Assembleia Legislativa do Paraná.

Lancei um livro *O Nascimento do Esporte: como inventei um esporte no fundo de quintal*, prefaciado pelo nadador olímpico Fernando Scherer.

Há mais de 80 campeonatos realizados, entre iniciantes, abertos, estaduais. Estamos com uma liga paranaense agora, com participação de Curitiba e de cidades do interior do Estado.

É impressionante a habilidade ou a plasticidade dos movimentos dos atletas do esporte, apesar de o esporte ser muito novo.



Atualmente as categorias do futsac são: infantil de 8 a 9 anos; intermediário de 10 a 12 anos; adulto de 13 anos em diante; e *master* acima de 35 anos.

Os pequeninhos, na categoria infantil, jogam com regras adaptadas, pois eles ainda usam toques com as mãos. Nas categorias intermediário e adulto são impressionantes os *rallies* que acontecem.

Com essa metodologia da mão, o futsac se tornou uma ferramenta extraordinária de desenvolvimento motor. Até agora, temos vários colégios, principalmente no Rio Grande do Sul e no interior de Santa Catarina, utilizando-a como ferramenta de desenvolvimento motor.

Temos uma equipe de professores e estamos capacitando 60 professores de colégios municipais, e o futsac está sendo inserido nos colégios municipais de toda Curitiba.

Outra vantagem do jogo em círculo é que alguns colégios estão utilizando-o como uma ferramenta anti-*bullying*, porque o jogo de círculo é um jogo de cooperação. E hoje o *bullying* é muito forte nas escolas.

Uma grande conquista nossa é que o futsac entrou na matriz curricular de todos os colégios estaduais do Paraná. Eu capacitei, no ano passado, 140 professores de 140 Município do Estado e, agora, fizemos uma oficina para os 32 núcleos regionais de educação. Até o final do ano, vamos capacitar 3.000 professores de Educação Física do Estado do Paraná, porque o futsac está na matriz curricular.

É o único esporte do mundo que envolve a arte do crochê, que é uma arte praticada desde os sumérios e egípcios.

Ele entrou no acervo do Museu Paranaense. Está lá no Museu Paranaense a primeira bolinha que eu costurei, além da segunda e da terceira.

E agora tenho um vídeo para mostrar aos senhores como é que são os *rallies* do futsac.

(Exibição de vídeo.)

Aqui no vídeo temos jogos individuais e em dupla. Dá para ver que é um jogo que tem uma dinâmica, uma plasticidade. É uma espécie de futevôlei misturado com a agilidade do tênis, jogado com essa pequena bolinha de crochê.



Pode-se dar dois toques na bolinha, sendo obrigatório dar dois toques na recepção do saque, no individual. Depois, é facultativo dar um ou dois toques.

Mas é impressionante, pessoal, porque o futsal, além de ser uma criação brasileira, é um esporte nacional, ou seja, é um esporte oficialmente brasileiro.

Depois de toda essa batalha, 15 anos depois, estou tendo reconhecimento por parte do Governo do Estado do Paraná. Começaram a inserir esse esporte na matriz curricular do Estado e a nos dar apoio. Compraram o material e começaram a realizar as capacitações.

Por isso, é muito importante esta audiência. Hoje, há vários representantes de modalidades aqui pedindo apoio, pedindo esse suporte, para desenvolverem suas modalidades, coisa que não temos. Apesar de no Brasil vários governantes olharem com carinho o esporte, muitos não olham, e, quando acabam os recursos, essa área é a primeira a sofrer cortes. Nesse ponto, é muito importante termos o apoio dos Deputados.

Os senhores podem ver um *rally* ali no vídeo. Há *rallies* impressionantes, em que a bolinha chega a ficar mais de 40 segundos no ar, sem cair. Como o Prof. Sergio Zaccaro falou aqui, esse esporte ajuda a desenvolver a bilateralidade, a coordenação motora, os reflexos.

Nós agora estamos inserindo o futsal em todas as escolas do Flamengo, que vão começar a utilizá-lo como parte do treinamento para as categorias de base. Se o cara domina a bolinha, o futebol dele cresce de forma violenta.

(Intervenção fora do microfone. Inaudível.)

O SR. MARCOS JULIANO OFENBOCK - Então, pega fácil, não é, Profa. Lana? Quando o goleiro do futevôlei vê...

É legal, porque esse é um esporte muito barato de ser implantado. É possível adaptá-lo. É muito interessante, porque agora estamos implantando o futsal em muitas cidades do interior que não têm recursos. O problema hoje é recurso. Desenvolver um esporte caro, que precisa de muitos recursos para ser implantado, é uma barreira. Isso não ocorre com o futsal. Estamos implantando-o em mais de 40 Municípios do interior do Estado. Estamos expandindo-o.



É interessante esta audiência de hoje, essa união de todas essas modalidades criadas no Brasil, para sensibilizarmos os Deputados e os nossos governantes a nos ajudarem.

Como bem falou o Prof. Rafael, o símbolo, a essência, a cultura de um País é que faz a identidade de um povo. Hoje nós pegamos toda a cultura de fora, tudo o que vem do exterior, dos Estados Unidos. Hoje há manifestações nacionais criadas aqui. Todo mundo aqui tem a sua batalha. O Prof. Sergio disse que teve que vender o apartamento para investir em uma modalidade agora. Eu e meu irmão herdamos um restaurante do meu pai e investimos nesse esporte. Muita gente poderia me achar maluco ficar 15 anos batalhando por uma modalidade. Só agora estamos tendo vislumbre financeiro, quando começamos a vender essa modalidade para os Estados, a fim de implantá-la e de capacitarem professores. Geralmente, são pessoas que dedicam a vida a difundirem uma modalidade, um ativo cultural.

Então, a nossa intenção é sensibilizar nossos governantes para que realmente nos ajudem nessa implantação, porque essa é a nossa cultura. Todos os esportes aqui demonstrados são a cultura do povo. As crianças estão crescendo e precisam de coisas novas, de referências. E o esporte — falo pelo meu próprio contato — é a ferramenta mais poderosa que existe para afastar um jovem das drogas.

Muitos Secretários de Estado de Esportes nos falam que a epidemia do *crack*, nas cidades do interior, está chegando de forma devastadora. O esporte gera endorfina e faz com que as pessoas se divirtam principalmente pelo fato de ser algo novo. O que é novo já começa na frente.

Então, é muito importante sensibilizar os nossos governantes, fazer essa frente, essa união, para que possam investir em todas as modalidades esportivas, em todas as lutas, seja no esporte de quadra, seja no esporte de rede, seja no surfe, seja principalmente no esporte de criação nacional.

Eu quero agradecer por estar aqui no meio dessa elite brasileira, criativa e esportiva, apresentando o futsac. Acredito que muitos dos senhores nunca ouviram falar nessa modalidade, que esta é a primeira vez. Com certeza, estamos ascendendo, assim como desejo que todas as outras modalidades também ascendam, cresçam, e que tenham essa ajuda por parte dos nossos governantes.



Muito obrigado pela exposição, pessoal.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Capitão Fábio Abreu) - Agradeço ao Marcos Juliano. Desejo que esse esporte seja propagado não só no nosso País, mas também no mundo afora. Eu o acho muito interessante. Com certeza, vai ter sucesso.

Concedo a palavra ao Deputado Hélio Leite.

O SR. DEPUTADO HÉLIO LEITE - Primeiro, quero dizer que esta reunião é a mais importante desta Casa, haja vista que aqui há pessoas que pensaram, que pensam, que projetaram e que estão criando um aspecto novo no esporte nacional.

Eu fico muito feliz em participar deste momento. É evidente que nesta Casa cada um de nós tem várias atividades. Quero pedir desculpas aos senhores, pois não há muitos Parlamentares presentes. Há aqui várias Comissões, como a Comissão de Ciência e Tecnologia, a Comissão de Agricultura, além do plenário, e o Parlamentar não consegue estar em todo canto.

Da minha parte, eu queria, primeiro, parabenizar cada um dos senhores aqui presentes e lhes dizer que é uma honra muito grande recebê-los nesta Casa.

Espero buscar mecanismos, através de ações do Ministério, da Prefeitura e do Governo dos Estados, para ajudá-los a divulgar e a implementar esses esportes, haja vista que a droga tem adentrado em todos os meios. É preciso, portanto, fazer uma discussão para darmos ao adolescente, ao jovem, o que é importante, como a condição de praticar um esporte e de viver uma vida muito mais saudável.

Sr. Presidente, eu estava pensando de, no momento oportuno, levarmos esses projetos, juntamente com todos esses senhores que estão aqui presentes, à Confederação Brasileira do Desporto Escolar. É importante que venha da escola essa formação profissional, haja vista que lá há um local apropriado para a prática esportiva e profissionais. Ela só precisa incluir a metodologia. Eu acho isso importante. Eu vou falar com alguns Deputados, com o Deputado Fábio Mitidieri e outros, para conversarmos com o pessoal da confederação, a fim de promover uma reunião, um encontro dos senhores, até para que possam postar melhor o que têm feito, o que vão fazer, quais são seus objetivos e, acima de tudo, quais são seus ideais.



Marcos, eu queria lhe dizer que estou Deputado, não sou Deputado — sou do Estado do Pará. Eu gostaria que sua modalidade pudesse avançar também lá no Estado do Pará. Vamos conversar com os Prefeitos, com o Secretário de Estado de Esportes, para podermos levar esse esporte para lá. Eu tinha pensando no badminton no passado, quando fui ao Canadá, mas agora já penso que o seu esporte, além de importante, é mais econômico, mais ativo.

Então, eu queria que depois você me passasse os dados, para ver como vou fazer esse contato. Eu vou conversar com os Prefeitos. Ainda digo mais: eu vou conversar com os Prefeitos e me colocar à disposição deles, porque talvez queiram conhecer a metodologia do projeto e colocá-lo em prática. Eu vou fazer uma emenda em novembro para que também possamos acatar cada um desses projetos.

Eu acho importante que os senhores aqui presentes procurem um Parlamentar de seus Estados e lhe peçam apoio e incentivo para que, em novembro, façam emendas, a fim de que sejam utilizadas e implementadas, para que o esporte seja divulgado cada vez mais em todo o Brasil.

Quero dizer que o Rui, lá do meu Estado, está aqui presente. Encontrei-o em Marabá, e ele me falou de seu projeto.

O SR. RUI HILDEBRANDO - Gostaria de um aparte da sua fala, Deputado.

O SR. DEPUTADO HÉLIO LEITE - Eu queria me colocar à disposição. Primeiro, sugiro que conversem com os Parlamentares de seus Estados para que tomem conhecimento e o ajudem. Se cada Deputado fizer uma emenda para três, quatro, cinco Municípios, o Deputado consegue ajudar na implementação. Na hora que for implantado, eu acho que isso vai para a frente muito rápido.

Então, eu queria deixar a sugestão e me colocar à disposição, para que eu possa também contribuir com os senhores e contribuir com esse sonho. Eu acho que os senhores estão trabalhando por uma questão fundamental: a inclusão do jovem e do adolescente num mundo saudável.

No meu Estado, o *surf* na pororoca é uma realidade muito grande. Nós temos um dos maiores potenciais, haja vista que nós temos um potencial hídrico muito grande no Estado do Pará, mas eu acho que todos aqui são bem-vindos.

Peço mais uma vez desculpas se não há muitos Parlamentares aqui. Sou da Mesa Diretora. Eu estava lá na Comissão de Ciência e Tecnologia, Comunicação e



Informática e hoje estou prestigiando o meu parceiro que é Deputado novo aqui nesta Comissão, para que ele possa presidir a reunião, ouvir os senhores e lhes dar direcionamento.

Portanto, muito obrigado pela oportunidade. Eu me coloco à disposição dos senhores e parableno-os também pela forma simples e objetiva de ver a vida diferenciada. (*Palmas.*)

O SR. RUI HILDEBRANDO - Peço a palavra, Sr. Presidente — ele me concedeu um aparte —, para me dirigir ao Deputado Hélio Leite, do meu Estado do Pará, onde há duas manifestações de lá: o manbol e o *surf* na pororoca.

Nós reunimos aqui na Comissão do Esporte esse colegiado de manifestações de vários Estados do Brasil e, como o senhor se expõe com muita motivação e se coloca à disposição para somar-se a nós nessa causa, nós queríamos propor algo, para que esta audiência pública não fique apenas na oratória e passe para um segundo momento mais prático.

O Projeto de Lei nº 6.718, de 2016, propõe mudança na Lei Agnelo/Piva. Há três itens importantes. A primeira é a alteração nos arts. 6º e 56, inciso I. São criados novos percentuais de rateio e incluídas novas modalidades. Incluiu aqui a Confederação Brasileira de Desportos de Surdos, que passa a ter 1%. Incluiu aqui a Confederação Brasileira de Clubes — CBC. Aqui desportos militares também passaram a ter um percentual, isso de um adicional estabelecido na Lei Agnelo/Piva. Havia os 2,7%, para atleta de alto rendimento, para o COB; agora há 4,5% a mais, e esses 4,5% a mais trazem um grande rendimento para o Brasil. Mas nesses 4,5% nós identificamos que há zero de investimento para qualquer manifestação cultural do Brasil. E isso é constitucional. Eu volto a repetir: o art. 217, inciso IV, estabelece a obrigatoriedade do fomento à prática nacional.

Então, querido Deputado, nós gostaríamos muitíssimo de lhe pedir nesta audiência pública que seja o autor de um projeto que contribua com os esportes do Brasil, os esportes nacionais, incluindo nesse primeiro artigo os esportes de criação e identidade cultural nacional. Nós até já discutimos e avançamos. Hoje o Ministério do Esporte detém 25% dessa nova fatia do bolo, mas nenhuma instituição que entrou aqui nós vamos querer tirar. Nós não queremos tirar do Ministério do Esporte, nós queremos incluir no Ministério do Esporte... Nós queremos que, dos 25%,



Deputado, 5% sejam destinados de forma muito clara para os esportes do Brasil, os esportes brasileiros. Para isso, precisamos de um Deputado corajoso, ousado, determinado que apresente essa proposta para nós. *(Pausa.)*

O SR. DEPUTADO HÉLIO LEITE - Veja bem, eu acho que este é um momento importante. Eu quero que tu passes a minuta do que estás pensando e do que disseste, porque vou mandar a minha equipe técnica estudá-la, para que possamos contemplar também a todos os senhores.

Eu não sei qual é o percentual — não costumo mentir, só falo a verdade —, mas pelo menos vou fazer o projeto e defendê-lo nesta Casa, para que os senhores possam ser contemplados, porque isso é um reconhecimento pelo valor daquilo que os senhores têm postado ao longo da vida.

Então, estou à disposição. Passem para mim a minuta, deixem com a minha amiga Alessandra que ela passa para mim, para o meu gabinete, e vamos avançar na busca da consolidação.

Nós fizemos uma discussão aqui, nesse sentido, no ano passado. Nós redividimos o bolo, porque nós achávamos que ele estava erroneamente posicionado. E eu acho que é importante, sim, é fundamental, e me coloco à disposição. É uma honra representar cada um de vocês.

Agora, como sou um Parlamentar que acha que temos que somar nesta Casa, eu pauto outra questão. Além desta questão, eu também gostaria que vocês, que são de outros Estados, conversassem com o Parlamentar do Estado de vocês, para que eu e todos eles assinássemos. Assim, o negócio nasceria bem forte, robusto e com uma junção muito grande.

Por mim, eu posso propor sozinho, mas acho que não. Devemos juntar todos os Parlamentares de cada Estado e fazer uma ação mais concentrada, principalmente os Parlamentares que estiverem nesta Comissão, pois o projeto vai ser exposto e debatido aqui.

O SR. WEBER DE AZEVEDO MAGALHÃES - Inclusive, levando ao Ministério do Esporte, não é? Fazendo audiência pública no Ministério.

O SR. DEPUTADO HÉLIO LEITE - É verdade, quando nós conseguirmos pautar aqui na Comissão. Mas eu já começo a defender, desde este momento, sua ideia e a dos outros que estão aqui presentes.



O SR. RUI HILDEBRANDO - A regulamentação do art. 217. Obrigado. Gratidão desde já, Deputado.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Capitão Fábio Abreu) - Quero agradecer ao Deputado Hélio Leite.

Por falar em Pará, vamos ouvir a palavra do Sr. Noélio Sobrinho a respeito do Surf na Pororoca.

O SR. NOÉLIO SOBRINHO - Bom, primeiramente, boa tarde a todos.

Quero dizer que é uma grande satisfação para mim estar aqui. Jamais sonhei que um dia autoridades e presidentes de modalidades criadas aqui no Brasil pudessem ter este momento.

Em nome do Deputado Capitão Fábio Abreu, quero cumprimentar todos da Mesa, e, em especial, cumprimento o Deputado Hélio Leite, que é do Estado do Pará e falou que o Surf da Pororoca é uma realidade que, depois de 20 anos, tornou-se Patrimônio Cultural Imaterial do Estado do Pará.

O Surf na Pororoca começou com uma aventura entre mim e o Gilvandro Júnior, um amigo de lá do Estado do Pará, quando falamos que iríamos surfar no fenômeno da pororoca, que até então, na nossa região, sempre foi sinônimo de tragédia, de destruição, em que pessoas, famílias inteiras vieram a morrer por navegarem no horário errado. Isso mostra que o fenômeno da pororoca dita a hora de navegação na Amazônia.

Temos momentos bons e não tão bons. Vou aproveitar ainda a presença do Deputado — viu, Deputado Hélio Leite? — para dizer que após termos virado Patrimônio Cultural Imaterial do Estado do Pará, há pouco, estive no gabinete do Senador Flexa Ribeiro, que é um grande parceiro, e tive a honra e o prazer de encontrar o meu Governador Simão Jatene. Na ocasião, pudemos fortalecer a parceria para os campeonatos de *surf* de praia também, já que o surf, hoje, se transformou em um esporte olímpico. Isso para nós foi um grande incentivo.

Além disso, Deputado, na presença de todos, eu queria dizer ao amigo que este ano, estranhamente, não questionando o porquê, a Prefeitura de São Domingos do Capim, onde aconteceu o 20º Surf na Pororoca, pediu para realizar o convênio com o Governo do Estado, que há 19 anos vínhamos realizando. Não vou apontar quem é culpado ou não culpado, mas, após 1 mês de visitas à Assembleia



Legislativa do Estado do Pará, conseguimos alavancar 440 mil para fazer o maior evento da história. E alguém, não vou acusar ninguém, dormiu no ponto, viu, Deputado, desculpe-me estar falando de costas, mas, infelizmente, se eu virar, o microfone. Ah, tem este aqui! Ele está funcionando também? (*Pausa.*)

O SR. DEPUTADO HÉLIO LEITE - Ouvi-lo já é uma honra para mim.

O SR. NOÉLIO SOBRINHO - Certo. (*Ininteligível*) está aqui comigo.

Então, o que acontece? Estranhamente pediram que o convênio fosse feito com a Prefeitura. Eu não tenho nada contra o atual Prefeito, que, inclusive, é um grande parceiro. Mas estranhamente, por algum motivo, perdemos esses 440 mil reais de uma emenda compartilhada. Aí, dos cinco eventos que contemplam o surfe na pororoca, quatro deles tiveram que ser cancelado. E, de 440 mil reais, baixaram para 70 mil reais, que foram focados totalmente para o festival cultural.

Isso, para mim, foi um absurdo, porque estamos lutando há 20 anos. E, como o senhor mesmo reconheceu, o Surf na Pororoca é um projeto do Estado do Pará para o Brasil e para o mundo, assim como a cidade de São Domingos do Capim.

Então, eu queria pedir ao amigo que já nos ajudasse com uma emenda, para que, no ano que vem, 2019, nós não tenhamos que passar pelo que passamos, porque tivemos que cancelar eventos como a Ultramaratona da Pororoca, que foi a maior prova de *stand up paddle* e de caiaque do Brasil, com 140 quilômetros.

Há até eventos de MMA — ouviu, Rafael? —, como o Pororoca Fight, outra vertente que trabalhamos há mais de 20 anos. Já realizamos mais de 70 eventos do gênero desde a época do vale-tudo. Posso citar vários eventos, vários atletas que nós lançamos no próprio UFC.

Mas, enfim, esperamos que não tenhamos mais que passar por isso.

Agora vou aproveitar para parabenizar todos vocês. Quero dizer que é uma grande honra conhecer vocês. Há 20 anos, quando fui surfar a pororoca pela primeira vez, eu já tinha uns 15 anos de surfe. O meu pai, que tinha sido escoteiro quando era criança e nem conhecia a minha mãe, viu o fenômeno da pororoca e brincou comigo: “*Eu quero ver se tu é um bom surfista se tu surfar a pororoca*”. Isso ficou na minha cabeça — eu já tinha ouvido falar no fenômeno da pororoca. Então, surfamos a pororoca pela primeira vez, e saiu no *Fantástico*. Eu lembro muito bem



que filmamos com o pessoal da *TV Liberal*, que é afiliada da Globo no Estado do Pará e grande parceira nossa.

Ficamos 1 mês naquele negócio. De repente, estava havendo uma final do campeonato carioca, entre Flamengo e Vasco, e eu lembro bem quando o Galvão Bueno falou: “*Não percam hoje, no Fantástico: dois malucos surfaram a temida pororoca*”. Isso ecoou não só no mundo esportivo, mas também no mundo político, de uma forma grandiosa, a ponto de esse evento ser transformado em patrimônio cultural.

Este é um livro chamado *Auêra-Auara*, termo que é um cumprimento criado pela turma do Surf na Pororoca e que significa “tudo de bom”. Aqui são contados esses 20 anos de história.

Nós temos um vídeo que gostaríamos de passar. Depois eu queria dividir o meu tempo com o Ricardo Fernandes, que é o Diretor-Executivo da nossa entidade já lá no Maranhão.

(Exibição de vídeo.)

Enquanto voltam o vídeo, registro que estas imagens são de *Amaral Netto*, *O Repórter*, da década de 70, por isso estão assim.

(Exibição de vídeo.)

O SR. RICARDO FERNANDES - Boa tarde, senhoras e senhores.

O nosso tempo está bem no limite, mas eu vou ser bem objetivo.

Assim como todos aqui presentes, nós estávamos discutindo este projeto ainda agora a pouco, em reunião. Ele é de tamanha importância, independentemente da grandiosidade de A, B ou C. Para vocês terem uma noção — eu faço questão de mostrar este livro aqui também —, o surfe da Pororoca foi capaz, durante mais de 10 anos... Este é um livro francês. Foram dadas 10 mil edições deste livro francês.

Por meio do trabalho que a ABRASPO desenvolveu gratuitamente, a Europa inteira conhece os Estados do Amapá, Pará e Maranhão. Logicamente, nós somos reconhecedores que o Estado do Pará, oriundo do surfe da Pororoca, criou tudo isso.

O maior objetivo que nós buscamos aqui... Para vocês terem uma noção, acho que alguns perceberam, o projeto foi apresentado no ano de 2009. A



ABRASPO entrou com a então Ministra Marta Suplicy, e nós concorremos, sem o apoio de nenhum político, no primeiro edital de Eventos Geradores de Fluxos Turísticos. Nós ganhamos o único projeto nível A. O que significa isso? Nós temos 14 modalidades aqui diferenciadas de esportes genuinamente maranhenses.

Deputado, encarecidamente até peço a ajuda de vocês, porque, infelizmente, como maranhense, sou de São Luís, ainda não encontrei um Deputado que nos ajudasse. Peço ajuda inclusive do Presidente. Não encontramos um Deputado no Maranhão...

Não sei se vocês perceberam que o Maranhão tem o menor custo do evento, tem a onda mais perfeita, e é triste dizer isto: no meu Estado, eu não encontrei um Deputado sequer que buscasse fazer esse trabalho em parceria.

Eu peço a sua ajuda, Deputado, para buscar outro Deputado maranhense, seja o Deputado André Fufuca, que assumiu até a Vice-Presidência da Câmara, seja o Deputado Weverton Rocha também. Enfim, nós estamos buscando com que essas modalidades, não importa o tamanho delas...

O nosso evento parou, parou! Somente São Domingos do Capim continuou. Merecidamente eu parableno o Estado do Pará. É até triste eu dizer isso, embora maranhense. Eu não tenho uma pessoa que nos acompanhe. Mas o Estado do Pará está realmente de parabéns quanto a isso. Nós pedimos ajuda.

O mais importante é que todos esses eventos aqui são socioeducacionais. No nosso caso, são socioambientais. Vocês não têm noção da população ribeirinha que este Projeto Canoa beneficia. Vocês não têm noção que o Pará, Amapá e Maranhão são Estados que dificilmente... Se no Rio de Janeiro já é difícil se conseguir patrocínio, imagine nós lá que precisamos de *jet ski* e de lancha.

Uma coisa eu garanto a vocês. Esse pequeno 5%, Deputado, que o Ministério do Esporte pode liberar para nós, o senhor pode ter certeza que ele vai ser beneficiado em várias, inúmeras entidades que geram, para crianças e adolescentes, um “não” contra a droga. O nosso pedido é exatamente esse.

Quando nós falamos Auêra-Auara, é porque é tudo de bom que nós temos no coração que nós emanamos a todos vocês.

Mais uma vez, eu peço: ajudem o Maranhão, porque nós estamos precisamos de um Deputado que defenda o surfe da Pororoca.



Muito obrigado. (*Palmas.*)

O SR. PRESIDENTE (Deputado Capitão Fábio Abreu) - Quero agradecer ao nosso Noélio.

Quero dizer que acredito muito que, em uma exposição para os Deputados do Estado do Maranhão, alguns deles vão se interessar, mas nós nos comprometemos também, principalmente como Comissão do Esporte, com esse possível apoio ao nosso Maranhão, vizinho do Estado do Piauí. Tenho certeza de que vamos ter a possibilidade de, pelo menos, conversar com os nossos Parlamentares maranhenses.

Passo a palavra ao Sr. Lázaro Zeferino, Diretor Executivo da Confederação Brasileira de Frescobol.

O SR. LÁZARO ZEFERINO - Boa noite a todos.

Eu quero agradecer a todos vocês que deram essa oportunidade aos esportes, principalmente os novos e os genuinamente brasileiros.

O frescobol é um esporte genuinamente brasileiro, nasceu em Copacabana em 1945, criado por Lian Pontes, que na época era jogador de tênis e teve a ideia de descascar a bola para brincar na beira d'água, e isso virou o frescobol.

Está aqui o Prof. Alcir, que é também uma sumidade no esporte, e, antes de falar da Confederação Brasileira, eu gostaria de dar a palavra ao professor, até em respeito à pessoa, porque ele é mais velho que eu e está há mais tempo envolvido com o frescobol.

Eu sou Diretor Executivo da Confederação, já o conhecia há muitos anos no meio do frescobol e tive a honra de conversar com ele sobre muitas das atividades que nós estamos desenvolvendo na Confederação. Então, quero dividir o meu tempo com ele, deixar a palavra com ele por enquanto, pessoal. Depois volto, para falar da Confederação.

Obrigado a todos.

O SR. ALCIR HORÁRIO DA SILVA - Boa tarde a todos e a todas.

Cumprimento o Deputado Fábio Abreu, da Comissão do Esporte, que preside essa mesa, e cumprimento todos os meus colegas.

Estou muito satisfeito com o que até aqui ouvi e tenho certeza de que nós chegaremos ao nosso objetivo, que é conseguir não só o fomento, mas também um



alicerce, um implemento da manifestação que nós trazemos para que toda a população brasileira seja beneficiada com os projetos que estão sendo apresentados aqui hoje.

(Segue-se exibição de imagens.)

Sou o Prof. Alcir Horácio da Silva, professor da Universidade Federal de Goiás. Vocês podem estranhar: eu sou professor da Universidade Federal de Goiás, mas sou carioca. Tenho 47 anos de frescobol — por isso o Lázaro disse que eu sou mais velho do que ele — e 58 anos de idade, quer dizer, desde os 11 anos eu jogo frescobol, e dizem até que eu ainda não aprendi a jogar.

O nosso tema aqui é o debate dos esportes de criação nacional. Então, já de pronto, também agradeço a iniciativa dos Deputados João Derly, da REDE, e Roberto Góes, do PDT, que tiveram a felicidade de fazer requerer uma discussão do nível desta que está sendo apresentada aqui. Muito obrigado.

Bem, como o meu colega Lázaro mencionou — essas informações podem ser acessadas pela Internet, no *site* Wikipedia —, o frescobol é um esporte tipicamente praiano. Embora ele seja tipicamente praiano, ele pode ser jogado em vários outros lugares. Inclusive, como vocês sabem, o Centro-Oeste não tem praia, e nós jogamos na grama, jogamos nos parques.

E agora, até, nós estamos fazendo exatamente aquilo que a Lana Miranda, do futevôlei, falou: estamos procurando lugares que têm areia e os implementos básicos para praticar o frescobol, e para fazer com que haja um crescimento não só do frescobol, mas também do futevôlei e de outros esportes que são tipicamente nacionais.

Então, o jogo foi criado no século XX, em 1945, como já foi dito. Ele é bem conhecido em outros países, como na Itália, na Espanha, em Israel e também na Grécia. Por incrível que pareça, a Grécia tem um grande acervo de jogadores de frescobol.

Qual é o princípio básico desse jogo que nós chamamos de frescobol? Primeiro, o nome. Por que o nome frescobol? Muita gente pensa e diz — e aí entra um aspecto da homofobia, típica do homem brasileiro, ou, eu diria, do homem ocidental — que é porque jogam os frescos. Não, não é por causa disso. É por causa do frescor.



Uma grande parcela de pessoas que vinham ao Rio de Janeiro, principalmente ingleses e franceses, gostavam de tomar banho de mar e gostavam daquele frescor da água. E eles jogavam um esporte muito parecido, que deu origem ao nosso, o chamado jogo de palma. Nesse jogo de palma, muito praticado, as pessoas usavam uma luva para impulsionar uma bola de um lado para outro. Então os brasileiros, especificamente o Lian Pontes, mas também outros, viram esse jogo e decidiram criar um parecido, brasileiro, construindo sua própria raquete.

O frescobol é, então, um jogo tipicamente praiano, com um material muito fácil de ser utilizado, barato, bem barato, como o é, de certa maneira, até a bola. O “bol” do nome vem exatamente da influência inglesa. Se vocês observarem, a bola com que nós jogávamos era bola de tênis que nós descascávamos. Naquela época, não tínhamos outro implemento. É claro que, com a evolução do frescobol, as bolas foram mudando, e nós acabamos pegando uma bola de um esporte americano, o *racquetball*, e hoje nós jogamos muito com ela, mas jogamos com outras bolas também.

O jogo pode ser praticado em duplas ou trincas, e, na Grécia, joga-se até em quartetos. É um jogo que promove funções cardiorrespiratórias, cardiopulmonares, e tem valência no desenvolvimento físico, principalmente de coordenação motora ampla, agilidade, resistência, especialmente a resistência aeróbica.

O esporte rapidamente cresceu no cenário brasileiro. Então, hoje você pode ver o frescobol em várias propagandas de televisão: uma empresa de cervejaria utiliza a prática do frescobol, uma empresa de sandálias também usa o frescobol como pano de fundo, e há outras propagandas também.

Bem, como foi que esse esporte se desenvolveu? De um jogo simples, ele se desenvolveu para um esporte, que hoje, inclusive, eu diria que é de um certo rendimento. Ainda não é de alto rendimento — mas está em profunda evolução. Hoje, para desenvolver determinados critérios para saber quantos pontos fazemos no jogo, utilizamos também um aparelho chamado radar. Provavelmente, o Lázaro vai falar um pouco disso. É uma evolução do esporte.

Qual é o princípio básico do frescobol? Manter a bola no ar. E, por isso, é um jogo extremamente colaborativo. Joga-se com o outro, e não contra ele. Nisso, difere da lógica de todo jogo que segue o modo de produção do capital, em que é preciso



ganhar do outro, derrubar e derrotar o oponente. Não tenho nada contra esses esportes. Mas a filosofia do frescobol é jogar com o parceiro e fazer uma apresentação melhor que as outras. Hoje, é essa a perspectiva de um jogo numa competição de frescobol.

Esse esporte quebra também a lógica da educação física tradicional, Prof. Zaccaro, em que impera o quarteto futsal, vôlei, handebol e basquete. O frescobol é mais uma atividade que estamos colocando na escola, nas aulas de educação física, para dar às crianças e aos jovens a oportunidade de vivenciar uma atividade extremamente aeróbica e com habilidades outras como valência motora e desenvolvimento motor, para o despertar da saúde, isso sem levar em consideração tudo aquilo que já foi falado em relação ao combate às drogas.

Eu dou aula num antigo colégio de aplicação, na Universidade Federal de Goiás — estou diretor da escola. Eu dou uma disciplina chamada Esporte de Raquete: Frescobol. Produzimos um texto sobre o frescobol, que mostra como pode ser jogado fora do seu *habitat* natural — como nós vimos, é um esporte tipicamente praiano, mas também pode ser jogado num lugar em que não há praia, como fazemos em Goiânia. O texto foi publicado num livro que foi lançado inclusive na Espanha.

Eu queria também anunciar que há muita divulgação do frescobol na revista *Fração de Segundo*. E outros colegas têm produzido artigos e livros sobre o esporte.

Queria chamar a atenção: como área de conhecimento da educação física, é preciso que o frescobol seja contemplado em eventos e que nós produzamos artigos científicos, periódicos, dissertações e teses, para dar maior fomento e também credibilidade científica ao nosso esporte. Todo esporte causa diversos tipos de manifestações, entre eles as lesões, que precisam ser analisadas pelas áreas de conhecimentos específicos. A educação física precisa sempre ser buscada por nós, para que tenhamos o aporte dessa área na realização do nosso esporte e dos nossos eventos.

No mundo, o frescobol é jogado em vários países, inclusive Japão, Israel, Itália, Espanha, Grécia, Peru e Estados Unidos.



Aconteceram há pouco, no Rio de Janeiro e em Salvador, etapas da Liga Mundial de Beach Racket, uma modalidade que tenta unir todos os esportes de raquete. A última fase também será no Brasil, em Recife.

E nós participamos, juntamente com a Confederação Brasileira de Frescobol, do Campeonato Mundial de Frescobol, em Macaé, onde tive o prazer de ser o representante do Estado de Goiás.

Eu agradeço a todos a oportunidade.

Agora, o Lázaro vai fazer as suas considerações.

Obrigado.

O SR. LÁZARO ZEFERINO - Como os senhores viram, todo esporte, por mais novo que seja, é sempre um vovô. O frescobol tem hoje 71 anos de existência. É até emocionante ouvir o professor falando.

Vamos ter que nos virar com o tempo que temos. Eu gostaria de apresentar rapidamente a Confederação Brasileira de Frescobol. Nasceu com o intuito de organizar e estruturar o frescobol nos Estados, fomentando as federações que já estão em atividade, mas ainda não estão estruturadas, e as que estão estruturadas, mas como já disseram os nossos amigos, estão engavetadas, observando atletas amadores e profissionais brasileiros, através do circuito nacional. Nossa proposta para as federações é que se organizem, se estruturem.

Eu tenho certo conhecimento de projetos incentivados por meio de isenções em ICMS e IPTU. Trabalho há 20 anos na Secretaria de Esportes da Prefeitura de São Vicente e há 5 anos com o Governo do Estado de São Paulo, com projetos incentivados. Essa é a melhor forma de o Governo e as entidades encurtarem o caminho e nós conseguirmos trazer verbas para incentivo a projetos relacionados aos esportes, com a participação de empresas e entidades. Para isso, tem que estar tudo muito bem acertado. É preciso que haja toda uma ligação, toda uma organização, toda uma estrutura de certificações. Essa é a proposta da confederação para o frescobol, com a atuação das federações.

Estamos preparando também um trabalho para que os Estados consigam formar ligas e associações para aproximar mais os Municípios. Com o trabalho de pessoas como o Prof. Alcir, nós vamos conseguir levar o esporte para as escolas e



transformá-lo em algo genuinamente nacional, do jeito que tem que ser, na base. E vamos formar campeões.

Hoje, os estudos mostram que o jogador de frescobol tem idade entre 35 e 70 anos. No mundial de 2017, acreditem ou não, a idade média dos jogadores, indivíduos de 21 países, foi de 40 anos. O nosso mais novo atleta, que foi o campeão brasileiro, Marcelinho, tem 30 anos.

Esse é o trabalho que a Confederação Brasileira de Frescobol está se predispondo a fazer no País. É lógico que, para isso, nós vamos precisar de toda a ajuda dos Governos nacional e municipais e dos Deputados. E vamos oferecer uma estrutura de organização. Esta é a meta única e prática da Confederação Brasileira de Frescobol nosso.

Muito obrigado, pessoal, por esta oportunidade.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Hélio Leite) - Quero agradecer ao Lázaro.

E, com a permissão das senhoras e dos senhores, vou conceder mais 1 minuto ao Alcir Horácio. Quem veio de longe para expor não pode também ficar quieto.

O SR. ALCIR HORÁCIO DA SILVA - Eu agradeço e não poderia deixar de enaltecer o trabalho que está sendo feito exatamente na linha do que disse o Lázaro: uma renovação dos jogadores de frescobol em todo o Brasil.

Há várias associações de frescobol, como a Associação de Frescobol de Rio das Ostras, a Associação de Frescobol de Campos, a Associação de Frescobol da Ilha do Governador, a Associação de Frescobol da FAR — Frescobol Amigos do Recreio, que fica no Recreio dos Bandeirantes. Há também o trabalho que é feito em Copacabana, em Ipanema, pela Carolina Naltchadjan. Gostaria de enfatizar esse tipo de trabalho e outros, que obviamente vou esquecer aqui, realizados em vários Estados, como Pernambuco, Paraíba, com a ASFRET, em Salvador, em Natal, em Aracaju.

É claro que, neste momento, vou esquecer algumas, mas diria que este esporte, que é tipicamente brasileiro, foi criado no Brasil, junta-se aos outros para conseguirmos aquilo que pretendemos para o desenvolvimento do esporte genuinamente brasileiro. É o nosso pleito para os nobres Deputados desta Casa,



para os Deputados dos nossos Estados, a quem vamos levar as nossas demandas no sentido de conseguirmos esse investimento para o nosso esporte.

Muito obrigado pela atenção.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Hélio Leite) - Queremos agradecer, em nome da Comissão, ao Prof. Alcir e ao Lázaro.

Convido, para usar da palavra, o Cláudio. (*Pausa.*) Ele cedeu a vez para o Wesley. Então, com a palavra o amigo Wesley e, depois, falará o Cláudio.

O SR. WESLEY ALAN DOS SANTOS PEREIRA - Boa tarde a todos! Boa tarde à Mesa e a todos os presentes.

Primeiramente, eu queria agradecer ao Presidente da Mesa, o Deputado Hélio Leite. Em nome do Prof. Marco Aurélio, quero agradecer também ao Prof. Rui por esta iniciativa e pelo apoio de todos.

O tapembol é um esporte de quadra que foi criado na cidade de Caeté, em Minas Gerais, no ano de 2007. Foi inventado há 10 anos e já está em 20 Estados brasileiros. Conheci o esporte há uns 2 anos em um curso que fiz, durante o qual implementei a modalidade de que dou aula. E, como disse o professor, foi implantado nas escolas o quarteto fantástico: futsal, handebol, vôlei e basquete. E, quando entra mais um, temos a liga da justiça, com a queimada. Desde então, meus alunos não querem saber de outra modalidade. Eles só querem jogar tapembol o tempo todo.

O Prof. Marco Aurélio, que foi o inventor do tapembol, é especialista também em desporto. Ele reside na cidade de Caeté, em Minas Gerais, e, no ano passado, em comemoração aos 10 anos do tapembol, criou a Federação Internacional de Tapembol — FITAPEM, que está nos seus trâmites legais para ser concluída.

Eu passarei um vídeo rápido e autoexplicativo do tapembol, para que todos possam entender melhor.

(*Exibição de vídeo.*)

O SR. CLÁUDIO GOMES MENDES - Então, como vimos no vídeo, o tapembol é um jogo para todos. O professor falou do *bullying*, o tapembol faz com que todos os integrantes sejam necessários.

Para se jogar, são dois tapas por vez. O jogo quebra as pernas daquele fominha. O esporte faz com que sejam necessários todos os jogadores até o objetivo



final, que é o gol. O tapembol é um jogo para todos: para o ruim, o bom, o baixinho, o alto, o gordinho, o magro.

Como eu havia dito, o tapembol já chegou a 20 Estados brasileiros e também fora do Brasil. Há arquivos científicos no Canadá falando sobre o tapembol.

O Prof. Marco Aurélio Cândido Rocha é um grande parceiro nosso. Na verdade, eu sou parceiro dele e estou aqui o representando, a convite também do nosso Prof. Rui.

O tapembol chegou para ficar. Agradeço a todos o apoio aqui, ao professor e a todos os presentes na mesa.

Vou encerrar com mais um vídeo, que é autoexplicativo, ao mesmo tempo em que agradeço a todos nesta tarde aqui. Obrigado.

(Segue-se exibição de vídeo.)

Só para concluir, vou responder a uma pergunta do amigo aqui. A bola é muito mais leve do que a bola de handebol. O Deputado Hélio me perguntou como pode adquiri-la: ela é de fabricação própria em Minas Gerais. Depois, posso pegar o contato do senhor para passar essa informação.

Passo agora a palavra ao colega.

Obrigado.

O SR. CLÁUDIO GOMES MENDES - Boa tarde! Tudo bem? Meu nome é Cláudio Gomes, sou representante e criador do sorvebol, que é um esporte criado em 2003, numa aula de Educação Física. Nós estávamos jogando futsal, e eu pedi para recolher a bola. Eu estava com o cone na mão, o menino jogou a bola para mim, eu a aparei e, de repente, tive a ideia de criar um esporte. Assim foi nascendo e se desenvolvendo o sorvebol. Nós começamos a jogar com bola adaptada, com bola de handebol, bola de vôlei, até chegarmos à bola oficial do sorvebol.

No sorvebol, assim como nos demais esportes, o objetivo é fazer a bola cair no campo adversário, mas, com o cone. Você tem que colocar a bola no cone e dispõe de até 3 segundos para pegar a bola, ou tocar por cima da rede ou dar o passe, no caso de dupla. A jogada é de simples, duplas ou quarteto.

Lá em Belo Horizonte, as escolas municipais abraçaram o esporte como uma mãe abraça um filho. Hoje em dia, é um dos esportes mais praticados em Belo Horizonte, onde acontece um circuito chamado "BH Open de Sorvebol". Mais de 250



escolas realizam um campeonato com nove regionais: a regional de Barreiro, a de Venda Nova, do Leste, do Oeste, etc. O campeão de cada regional participa da final, e a final deste ano será no Ginásio do Mineirinho. Alguém já ouviu falar desse Ginásio? A final terá o apoio do Secretário de Esporte Ricardo Sapi, que nos tem apoiado muito. Nós conseguimos a isenção do Mineirinho, e lá faremos a final. Estão estimadas 15 mil pessoas para a final deste ano.

(Segue-se exibição de imagens.)

Existe a Federação Mineira de Sorvebol, que foi a primeira, criada em 2007, a Confederação Brasileira de Sorvebol, que surgiu um ano depois, e, por último, a Federação Internacional. A Federação Mineira é a mais antiga, é a mãe das outras, porque nós fizemos uma base em Minas Gerais. Hoje, o sorvebol é praticado em muitos Estados, mas é forte mesmo em Minas Gerais e em Alagoas, onde fazemos o futebol de praia. Como disseram a Lana e o pessoal do frescobol, o sorvebol é também jogado na areia. Um parceiro meu, que mora em Miami, chamado Sócrates Moura, levou o esporte para lá. Hoje, estamos em Miami, em Fort Lauderdale, em boa parte da Flórida. O sorvebol também chegou à parte da Califórnia, em San Diego, e a cada dia vem crescendo mais.

Atualmente, temos competições de alto nível, como o Circuito BH de Sorvebol, que acontece nos clubes. A cada 15 dias, há uma etapa. O campeão de cada etapa regional se enfrenta no final do ano, faz-se como no campeonato estadual.

Em Alagoas, também há o Circuito das Águas, jogado só na praia. Lá, só se joga na praia. Ninguém quer saber de quadra dura, não.

Vou falar um pouco da história. Sorvebol foi criado em Belo Horizonte, Minas Gerais, desenvolvido pelo Prof. de Educação Física Cláudio Gomes Mendes. Já ouvi falar desse cara em algum lugar!

O esporte nasceu em 2003.

Esse eslaide mostra a escola estadual, em que eu trabalhava, na época.

O esporte foi implantado em 2006.

Surgiu a vontade de desenvolver o esporte, assim como ocorreu com o professor que desenvolveu o zaccaro ball. Como estava na mesmice, eu disse: “Ah,



não, só futebol, só futebol!” Nós que somos da Educação Física sempre temos uma ideia lá, aqui, e sempre vamos inovando.

O que é o sorvebol? É uma atividade disputada em uma partida parecida com vôlei.

Nesse eslaide vemos as medidas da quadra, a linha de 1 metro, sobre a qual, depois, vou falar, cones e bolas oficiais de sorvebol, uma quadra de tamanho de 14 por 6 e, no mínimo 12 por 6, podendo ser adaptada nas escolas. Há escola que não há quadra, mas adaptamos com fita.

Naquela linha de 1 metro, o jogador pode pegar a bola, porém, não pode devolver a bola lá dentro. Ele tem ou que sair fora da linha ou dar o passe para o parceiro, no caso de dupla ou quarteto.

Exibirei um vídeo bem curto.

Não quis fazer um vídeo longo para não tomar tempo.

(Segue-se exibição de imagens.)

O objetivo do jogo é encaixar a bola no cone. Não pode rebater a bola, como no tênis, como no vôlei, tem que encaixar. O jogador tem 3 segundos para ficar com a bola, no caso de jogo simples, e se for, de dupla ou quarteto, são permitidos 4 toques.

Esses circuitos são feitos com os alunos das escolas.

As regras: os jogadores utilizam cone e bola; é praticado individualmente — simples —, em duplas ou quartetos. Também há quarteto misto, dois e dois. Neste ano, nós estamos fazendo adaptação — eu também sou fisioterapeuta —, com dupla mista, com um cadeirante e um não cadeirante. O cadeirante recebe a bola, mas não tem obrigação de se deslocar. O não cadeirante faz esse serviço. Ele se desloca pela quadra, mas a bola, obrigatoriamente, tem que passar pelo cadeirante. Nós vamos fazer um trabalho com Thiago Helton que trabalha na Record TV Minas. Ele é cadeirante, deficiente. Estamos desenvolvendo um trabalho com ele e com outras pessoas também. Vamos chamar isso de dupla mista paraolímpica.

Quanto às regras, são dois sets de 21 pontos, nas escolas nós adaptamos para 15 pontos, porque em escola tudo se tem que adaptar; possui saques, recepções e pontos diretos. O jogador não pode pegar a bola e ficar rebatendo. Ele tem que encaixá-la no cone. Cada jogador tem 3 segundos para dar o passe direto



ou tocar para o parceiro, no caso de dupla ou quarteto. Quando a modalidade é simples, ele tem até 3 segundos para se deslocar na quadra, não podendo ficar naquela linha de 1 metro, o que depois eu vou explicar.

Onde atuamos? Existem algumas competições de alto nível. Desde 2003 vimos desenvolvendo campeonatos. Esta aqui era uma criança que tinha 8 anos em 2003 e hoje já tem 20. No caso, estamos trabalhando com eles, que hoje são adultos. Há competições, e algumas empresas nos dão apoio, dão suporte a esses atletas.

Eu corri muito atrás e consegui até bolsa de faculdade para alguns atletas. Em troca de quê? De publicidade. Ela me dá a bolsa, que eu dou ao atleta, e a publicidade do sorvebol vai para ela.

A Federação Mineira de Sorvebol estima em mais de 20 mil o número de praticantes. As escolas têm etapas eliminatórias. Cada escola tem a média de 300 alunos que faz a eliminatória. Desses 300, sobram 20 praticantes, nos jogos de escola contra escola. Como há 9 regionais e mais de 250 escolas, acabamos chegando a esse número. Na realidade há 26 mil alunos. Foi o rapaz da gráfica que colocou 20 mil.

O sorvebol está em todo o Brasil. Estamos crescendo devagar, bem devagar. Daqui a pouco chegamos aqui em Brasília. Mas o foco mesmo é Minas Gerais e Alagoas.

Chegamos aos Estados Unidos também, onde o sorvebol está sendo muito bem desenvolvido pelo Sócrates Moura, que está nos representando. Chegamos a outros países também, mas o sorvebol não está tão avançado quanto está nos Estados Unidos.

Vou passar este vídeo.

(Exibição de vídeo.)

Peço desculpas porque a legenda não saiu na edição.

Temos feito um trabalho em Miami, com jogos simples, em duplas ou em quartetos. Em breves vamos colocar em todas as praias, em um circuito como o do Banco do Brasil.

Quero agradecer a todos os que estão aqui: nosso amigo Rui, o Srs. Parlamentares, todos os representantes do esporte, seja inventor ou representante,



e todos os presentes. Este é um grande passo, não só para mim mas também para todos os que estão aqui. Chega de mesmice! Vamos inovar. Vamos incentivar o sorvebol, o manbol, o zbol, o tapembol, porque estamos cansados da mesmice.

Quero agradecer a todos.

Boa tarde a todos. (*Palmas.*)

O SR. PRESIDENTE (Deputado Hélio Leite) - Quero reiterar o agradecimento a vocês.

Eu acho que hoje está acontecendo um momento muito importante para esta Casa. É evidente que vocês têm criatividade e, além de tudo, um senso muito importante da prática do esporte.

Quero agradecer ao Wesley e ao Cláudio pela presença.

Convido agora André Galvão para fazer sua exposição.

André, quero pedir permissão para, quando você começar a falar... Eu preciso ir ao plenário porque está havendo uma votação lá. Mas, como sou do esporte também, vou ser bem rápido.

O SR. ANDRÉ GALVÃO - Quero agradecer ao Deputado Hélio Leite, que está prestigiando este encontro. Este momento vai ficar registrado nos Anais da Casa. Tudo aqui é gravado e sai em notas taquigráficas. Estamos também sendo transmitidos ao vivo para o Brasil inteiro.

É muito importante estar lajeado de representantes de desportos de criação nacional. Eu estou representando aqui um desporto, que é a capoeira.

Eu peço desculpas a vocês porque não trouxe nenhuma apresentação. Eu estou representando o Presidente Interino da Confederação Brasileira de Capoeira. O Presidente Gersonilto Heleno de Souza licenciou-se há 1 mês. Nós fizemos inclusive aqui, nesta Comissão, uma discussão sobre o sistema federativo, quando assumiu o Presidente Interino Ricardo Cavalcante, que é do Amapá.

A capoeira tem um histórico de luta que todos vocês acompanham. A história da capoeira confunde-se com a história da escravidão no Brasil. Nós estamos representando aqui a capoeira formal, e não a capoeira na área da cultura. Esse é um embate muito sério que nós temos ainda no meio da capoeira.

Eu faço referência às palavras do Favetti, que disse que todo esporte tem origem na cultura. Na capoeira, isso não é diferente. Talvez ela seja o exemplo



maior que nós temos no Brasil de formalização do esporte, de uma disputa para que o Estado nos reconheça como desporto formal e não formal, para que ele destine verba do Orçamento para aqueles que pretendem um dia ser desporto formal também de alto rendimento. Por que não?

Vejo que essas modalidades que estão sendo apresentadas são muito do nosso espírito de brasileiros. Temos também um estranhamento quando vemos nas Olimpíadas o *curling*, aquele desporto do gelo, ou quando vemos o *badminton*. Vemos que há espaço para os países, com a sua cultura, com a sua diversidade, também criarem os seus esportes. E o Estado tem que fomentar isso. O art. 217 da nossa Constituição diz isso muito bem quando afirma que é dever do Estado o fomento de desporto de criação nacional.

A capoeira vem sendo praticada desde os tempos da escravidão e já visitou o Código Penal. Todos devem saber isso. Se não sabem, é uma informação que precisamos dar. Quando da Proclamação da República, a capoeira era muito agradecida ao Império por causa das leis de abolição da escravidão, que vieram fazendo a libertação aos poucos no Brasil. Por isso, foi o primeiro coletivo de insurreição contra a Proclamação da República. Daí por que a reação foi colocar, na época, no Código Penal, a capoeiragem e a vadiagem como atividades proibidas. Depois, na Era Vargas, nós retomamos e saímos do Código Penal.

A capoeira, como as outras artes marciais, foi formalizada junto à Confederação Brasileira de Pugilismo.

Em 1972, nós conhecemos o primeiro regulamento formal de prática de capoeira desportiva, ainda sob a égide da Confederação Brasileira de Pugilismo.

Em 1992, fundou-se a Confederação Brasileira de Capoeira, saindo da confederação eclética de artes marciais, pugilismo, karatê e capoeira. Desde então, vimos lutando, para que a capoeira tenha uma inserção na política do desporto nacional brasileiro.

Eu entrei no movimento formal da capoeira pouco antes dos Jogos Pan-Americanos quando a capoeira, via Confederação, pretendeu representar o Brasil como desporto de apresentação nos Jogos Pan-Americanos de 2007.



A Confederação bateu às portas do Comitê Olímpico Brasileiro, que nos recebeu muito bem como um desporto de criação nacional — que nós já éramos, porém não tínhamos o reconhecimento legal.

Dentro do Comitê Olímpico Brasileiro, aconteceu o nosso primeiro embate jurídico-formal com relação à natureza da atividade da capoeira.

A par do Comitê Olímpico Brasileiro, nós tivemos também um embate muito grande com o Conselho Federal de Educação Física, que pretendeu açambarcar todas as atividades físicas dentro da sua representação.

Neste congresso, juntamente com a yoga e a dança, fizemos um movimento político, para que nós, atividade de capoeira, não fôssemos submetidos ao Conselho Federal de Educação Física. A nossa pretensão era de formar um sistema confederativo próprio com reconhecimento do capoeirista não só como atleta, mas também na multidiversidade da atuação nesse universo da cultura e do esporte brasileiro.

Depois da nossa saga política, conseguimos sair do jugo do Conselho Federal de Educação Física, não sem muita luta.

Eu, como advogado, hoje representando o Presidente da Confederação Brasileira de Capoeira, fui autor de algumas ações que foram ingressadas na justiça, para que não fosse cerceada a atividade de capoeira aos profissionais de educação física com formação em educação física nas faculdades formais.

Esses, portanto, foram nossos dois primeiros embates.

O Comitê Olímpico Brasileiro nos recebeu muito bem, mas disse que nós da capoeira tínhamos que decidir se éramos cultura, se éramos folclore, se éramos dança ou se éramos esporte e que não haveria espaço para a capoeira no Comitê Olímpico Brasileiro enquanto nós não decidíssemos o que éramos até 2005.

Os Jogos Pan-Americanos aconteceram em 2007, e nós queríamos apresentar a capoeira ao mundo, mas tivemos essa dificuldade.

De lá para cá, nossa luta incessante pela formalização da capoeira vem conseguindo alguns espaços institucionais. Conseguimos em 2010, com o Estatuto da Igualdade Racial, no art. 22, ser reconhecidos formalmente como desporto de criação nacional. A nossa briga era para que na legislação nós tivéssemos o



reconhecimento não só como desporto de criação nacional, mas também como identidade cultural brasileira.

Mas havia uma política interna da capoeira em que muitos que praticavam a capoeira, na sua multidiversidade, com foco na cultura se mostraram avessos à ideia de que nós também fôssemos de identidade cultural, na qualidade de desporto, ou seja, houve uma discussão interna.

E assim, Favetti, por isso eu me referi a suas palavras, nós tivemos que fazer um esforço também interno, para além do esforço institucional, para convencer os capoeiristas de que a formalização era o melhor caminho. Por quê? Às vésperas do Pan-Americano, nós já estávamos discutindo a candidatura do Brasil para dois megaeventos internacionais: Copa do Mundo e Olimpíadas. E aí a capoeira conseguiu vislumbrar, já àquela época, qual seria a assimetria do orçamento destinado ao esporte e aquele normalmente destinado à cultura no Brasil.

Eu não preciso dizer para vocês que a diferença, na última década, do orçamento destinado ao esporte foi de bilhões contra milhões. Isso não é de desconhecimento de ninguém.

E a capoeira pretendeu alçar formalmente um lugar nesse espaço orçamentário de desporto, de organização formal e de criação nacional. Pleiteávamos à época uma diretoria para desporto de criação nacional junto ao Ministério do Esporte. Pleiteávamos à época também uma fonte de reconhecimento para o desporto de criação nacional que fosse como aquela fonte que o Comitê Olímpico do Brasil tem. E a nossa leitura é que há uma renúncia fiscal, para que ele tenha acesso a esses recursos. Eles angariam valores das loterias federais. Eles têm um percentual daquilo que é arrecadado com as loterias federais.

Eu peço mais 1 minuto e peço desculpas ao Deputado Hélio.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Hélio Leite) - Está tranquilo. Está prorrogado o seu tempo.

O SR. ANDRÉ GALVÃO - Então nós, à época, pedíamos que o Ministério do Esporte conseguisse colocar o desporto de criação nacional também como beneficiário de apenas um sorteio da loteria federal. Essa também seria uma fonte de renda para os desportos de criação nacional. Nós até então não tínhamos sido



reconhecidos como tal. O nosso reconhecimento só veio em 2010, com a Lei nº 12.288, de 2010, que é o Estatuto da Igualdade Racial.

No Estatuto da Igualdade Racial, nós conseguimos quatro conquistas. Nós conseguimos o reconhecimento do capoeirista, e não do técnico, do instrutor, do professor e do tecnólogo, mas o capoeirista, com um código na Classificação Brasileira de Ocupações. Então o capoeirista hoje consegue ter o seu reconhecimento como profissional. A capoeira hoje é um desporto de criação nacional por lei federal. Em 2014, a ONU reconheceu a capoeira como Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade

Em 2014, a ONU reconheceu a capoeira como Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade. Nós tivemos isso. Nós tivemos a roda de capoeira reconhecida pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional — IPHAN como elemento de formação cultural do povo brasileiro também, bem imaterial do povo brasileiro. E nós tivemos também, o que eu acho que foi uma grande conquista, uma inserção da capoeira, ainda que não seja de maneira formal, nos estabelecimentos públicos e privados de ensino, em qualquer nível do ensino.

Agora, pasmem os senhores: a capoeira conseguiu isso tudo sem conseguir 1 real de orçamento no Brasil. A capoeira hoje faz um evento internacional. Eu desafio qualquer um da reunião a dizer qual é o país que já está sediando o 2º Campeonato Internacional de Capoeira, e a capoeira já está organizada em 64 países. Eu desafio os senhores a dizer o nome do país que sedia o Campeonato Internacional de Capoeira já pela segunda vez em dois anos. Alguém sabe? Alguém sabe? É o Azerbaijão.

O Azerbaijão, através de uma política de Estado, consegue fazer o 2º Campeonato Internacional de Capoeira, reunindo 64 países. E aqui a Confederação Brasileira de Capoeira mal consegue fomentar as suas federações estaduais existentes já em 24 Estados. Nós nunca conseguimos 1 real de fomento do Estado para a organização formal da nossa capoeira. Isso é mais um desabafo.

Mas a capoeira já tem patrocínio internacional e patrocínio de uma multinacional. Já estamos realizando também o Festival Internacional da Capoeira, patrocinado pela Red Bull, em que se distribuem prêmios de 50 mil dólares para os primeiros colocados.



Mas há os campeões da capoeira brasileira. E nós continuamos a dizer que a capoeira é brasileira. A digital é africana, mas a capoeira é brasileira, ou melhor, o DNA é africano, mas a digital é nossa. Não existe movimento de capoeira organizado na África como o nosso. Ela nasceu aqui, é nossa mesmo.

Então eu ousou dizer a vocês que nós ainda estamos procurando, depois desse histórico todo que eu contei para vocês em breves palavras, um auxílio do Estado para nossa organização formal. E sem organização formal, não há acesso à rubrica orçamentária, não tem jeito, não há possibilidade de ser diferente.

É mais ou menos isso que eu queria falar. Peço a vocês perdão por não ter trazido nenhum material. Mas todos aqui já conhecem a capoeira. A nossa luta é essa.

Estamos aqui ladeados por atividades como futevôlei, futebol de salão, MMA, que já angariaram o mundo, e estamos aqui também ladeados por vocês que, em companhia de todos, podem nos ajudar a conseguir esse espaço orçamentário.

Obrigado. (*Palmas.*)

O SR. PRESIDENTE (Deputado Hélio Leite) - Quero agradecer ao André.

Parabéns, André, que é defensor nato da capoeira, pelo entusiasmo!

Quero convidar o Pedro Mattei para também fazer a sua explanação e quero pedir permissão de novo para me ausentar, porque eu tenho que ir ao plenário. Agora há nova sessão, novo painel. Mas eu prometo ser rápido.

O SR. PEDRO MATTEI - Boa tarde a todos. Cumprimento as pessoas que compõem a Mesa, o Dr. Weber Magalhães, a Dra. Lana Miranda, a quem eu faço uma reverência especial. É possível perceber muitos homens representando suas entidades, suas modalidades esportivas, e hoje temos aqui uma mulher representando o futevôlei brasileiro, um dos esportes mais populares deste País — perdoem-me pela sinceridade! —, comparado a tantos outros muito praticados aqui. Dr. Rui Hildebrando, agradeço-lhe a acolhida e a atenção dispensada a mim. Também agradeço ao Dr. Rafael Favetti, que não está aqui neste momento.

Antes de entrar no assunto da exposição, para a qual eu trouxe um pequeno material, peço permissão para me apresentar. Meu nome é Pedro Mattei, tenho 27 anos, sou advogado, entusiasta e estudioso do ramo do Direito Esportivo. Essa é a área de estudo e de pesquisa que quero seguir. Atualmente, atuo como Procurador



de Justiça Desportiva aqui no Distrito Federal, num tribunal independente, assim como manda a lei. Carecemos de incentivo, porque essa é uma atividade não remunerada. Faço por amor, porque sou atleta e cheguei perto da profissionalização no futebol. Fui atleta de futsal, já pratiquei futevôlei e cheguei à corda amarela da capoeira. O esporte está no meu sangue. Amo o que eu faço e faço por amor.

Eu gostaria de começar falando sobre o *sharkpaddle surf*. Acredito que muitos dos senhores ainda não tenham ouvido falar nessa nova modalidade acolhida pela Confederação Brasileira de Canoagem e também reconhecida como o primeiro esporte marítimo brasileiro.

(Segue-se exibição de imagens.)

O *sharkpaddle surf* nasceu em 2011. Quero que fique claro que eu não sou o criador dessa modalidade. O criador é meu primo, o Alexandre Pierre Mattei, a quem vim representar aqui. Moro em Brasília, e, como não pôde vir, ele me fez esse pedido. Sempre acompanhei o crescimento e o desenvolvimento desse esporte. Por isso, sempre o incentivei a acreditar e a dar seguimento aos seus sonhos.

Venho aqui hoje falar um pouco sobre o *sharkpaddle surf*. A Confederação Brasileira de Canoagem possui diferentes segmentos do estilo canoagem, como a canoagem de velocidade, o *slalom*, o *rafting*, a descida de corredeira, a paracanoagem e a canoagem de onda. Dentro da modalidade canoagem de onda, nós temos o *waveski*, o *kayaksurf* e o *sharkpaddle surf*.

Permitam-me explicar o porquê do nome. O *sharkpaddle surf* surge porque o seu protótipo, o seu modelo, lembra muito as barbatanas de um tubarão. Eu vou mostrar isso mais à frente. Por isso a denominação *shark*. *Paddle* vem de remo, assim como todas as modalidades de canoagem comportam.

Vou explicar brevemente cada uma das modalidades. O *waveski* é um caiaque aberto em que o praticante fica preso por meio de um cinturão de desengate rápido e com os pés encaixados em duas alças, como os senhores podem ver na imagem.

O *kayaksurf* é um esporte praticado, obviamente, em um caiaque. Esse caiaque é fechado, e o praticante veste um saioté que existe dentro dele. Já o *sharkpaddle surf* é uma modalidade híbrida, mistura o *waveski* e o *kayakurf*. Há tanto a possibilidade de entrar na onda sentado, como num caiaque, como subir na



prancha. As laterais têm um engate para o atleta poder apoiar suas pernas. Também existe um suporte para os pés em baixo relevo.

O esporte nasceu no Brasil, como já disse. Foi homologado pela Confederação Brasileira de Canoagem, em 2014, tornando-se o primeiro esporte marítimo brasileiro. *(Segue-se exibição de imagens.)* Este é o Alexandre. Este é o *Shark Paddle Surf*.

E aqui eu quero falar rapidamente sobre a técnica. A regra técnica do *Shark Paddle Surf* diz que o atleta sempre que for entrar na onda tem que entrar sentado. E aí, então, ele pode fazer a escolha de permanecer sentado na onda, pontuando dessa maneira, ou, então, levantar-se. A partir do momento em que ele se levanta na prancha, ele deixa de pontuar, como se sentado estivesse, e passa a pontuar apenas em pé.

Aqui temos algumas fotos. *(Segue-se exibição de imagens.)* Temos uma imagem gráfica, feita pela artista plástica Liz Mello, que mostra o atleta se levantando. Na foto abaixo, o Alexandre está surfando uma bela direita, sentado na onda. E, na imagem ao lado, ele já está de pé, mostrando a natureza híbrida dessa modalidade.

O interessante desta modalidade é que ela foi oficializada em 2011, mas a modalidade surgiu em 1997, quando o Alexandre teve a sorte de uma repórter da *Rede Globo* fazer uma reportagem com ele na Praia do Tombo, já que ele é original do Guarujá, e, após isso, alguns amigos provocarem-no: “*Surfar de caiaque é fácil, quero ver você se levantar*”. Ele assim o fez e foi essa a inspiração, foi esse o momento em que esta modalidade esportiva começou a ser desenvolvida.

No final de 2010, ele inicia a confecção do primeiro protótipo do *shark paddle*, que ficou pronto em março de 2011. O primeiro era grande e tinha cerca de 8.5 pés. Atualmente, com o desenvolvimento e o aperfeiçoamento desta modalidade, o *shark paddle* chega a ter 6.3 pés.

Estas aí são algumas imagens do Alexandre projetando os seus próprios protótipos, as próprias pranchas. *(Segue-se exibição de imagens.)* É uma produção independente. É extremamente difícil confeccioná-la. Ela não pode ser confeccionada por um *designer* de prancha, por um *shaper* qualquer. Ele teve que fazer um curso próprio de laminação e *shaper*. E hoje toma muito tempo dele



desenvolver, construir e fomentar este esporte, para permitir que as pessoas o pratiquem. Hoje ele é a única pessoa no Brasil que desenvolve esse tipo de prancha.

A grande estreia aconteceu em 2011, no Campeonato Sul-americano de Canoagem Onda, em Barra Velha, Santa Catarina. Ele foi convidado a participar do evento. Não era uma modalidade ainda oficializada pela Confederação Brasileira, mas ele levou a modalidade e aceitaram a ideia. Foram convidados alguns participantes, pessoas do Peru, atletas argentinos e brasileiros também.

Este foi o primeiro teste para mostrar à Confederação Brasileira de Canoagem Onda o potencial, o valor, a utilidade desta nova criação, desta nova ideia de canoagem onda brasileira. Reitero que o esporte não foi oficializado pela Confederação Brasileira de Surf, mas sim pela Confederação Brasileira de Canoagem.

Em 2012, novamente, no Campeonato Brasileiro, em Barra Velha, o Alexandre se sagrou campeão. (*Segue-se exibição de imagens.*) Nós temos ali, à esquerda, alguns modelos de pranchas que vocês podem ver que são diferentes. Todas foram produzidas pelo Alexandre.

Em 2013, nós tivemos um Campeonato Brasileiro, no Guarujá, e também o Sul-Americano, na praia de São Francisco do Sul, em Santa Catarina.

O projeto começou a ser desenvolvido em Santa Catarina, em São Francisco do Sul, quando o Alexandre Pierre Mattei ainda lá morava. Atualmente ele se encontra em João Pessoa porque viu a dificuldade que era desenvolver este esporte em águas geladas do sul do País. Atualmente ele está morando em João Pessoa, mas já trabalhando no desenvolvimento desta modalidade.

Dois mil e quatorze foi um ano histórico. Foi um ano muito importante para a modalidade. E foi a época em que houve a homologação oficial dentro do segmento canoagem de onda. Então, tornou-se uma realidade a modalidade e foi reconhecida como primeiro desporto marítimo da história do nosso País.

Em 2015, na Praia de Imbituba, em Santa Catarina, houve outro campeonato brasileiro — aí já com a Confederação Brasileira de Canoagem. E na Praia da Ribanceira, no mesmo ano, ocorreu um campeonato sul-americano.



Em 2016, o *shark paddle surf* chega a águas internacionais com o campeonato realizado em Lima, no Peru.

Em 2017, na Praia de Itararé, em São Vicente, ocorre o campeonato brasileiro dessa mesma modalidade — aí já com o reconhecimento da Confederação Brasileira de Canoagem.

Em 2017, o esporte volta a águas internacionais, em Mar del Plata, com competidores brasileiros, chilenos e argentinos também. O Alexandre perde dos irmãos peruanos, Fernando Barreto e Guilherme Barreto.

O Alexandre também já surfou a pororoca do Amapá e já testou aí o seu protótipo. Inclusive o Dr. Noélio Sobrinho me atestou que eles surfaram juntos essa onda. Esta aqui é a foto que representa isso. (*Segue-se exibição de imagens.*) Nesta época, em 2011, o protótipo da prancha era instável e estava em fase de teste. Então, não tinha segurança alguma. Mas ele foi lá, fez o teste e mostrou que dava certo. Teve muita coragem para ir em frente com este projeto.

Aqui temos algumas fotos ilustrativas de como se surfa o *shark paddle*. (*Segue-se exibição de imagens.*) Você pode surfar na onda tanto sentado, como você pode brincar, se divertir. Como é um modelo de esporte recreativo, por que não se tornar um modelo de esporte educacional? E tenho certeza de que ele já representa o esporte de alto rendimento no Brasil e na América do Sul também.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Hélio José) - (*O Sr. Presidente faz soarem as campainhas.*)

O SR. PEDRO MATTEI - Sr. Presidente, eu peço mais 1 minuto só para finalizar. Obrigado novamente por vir aqui representar meu primo, Alexandre Pierre Mattei. Agradeço a oportunidade. Agradeço a acolhida.

Deputado Hélio José, eu gostaria de fazer algumas pequenas considerações acerca da minha presença aqui. Eu tive a grata oportunidade de, ainda na faculdade, pois me formei em 2015, trabalhar com o Ministro Guilherme Augusto Caputo Bastos, Ministro do Tribunal Superior do Trabalho, Presidente da Academia Nacional de Direito Desportivo. Estive inserido em inúmeros fóruns de discussão acerca do fomento da *lexis* esportiva, da própria legislação brasileira em torno do Direito Desportivo, dos pontos que temos que melhorar, daquilo que precisamos criar e, por isso, cá estamos.



Parabéns, senhores! Permitam-me chamá-los de guerreiros do esporte! Solidarizo-me com as falas do Dr. Zaccaro e do Dr. Marcos Juliano, pois tiveram que abandonar os empreendimentos deles para poderem investir em suas ideias. Solidarizo-me também com a dor do meu primo, Alexandre Pierre Mattei, que era servidor público federal, mas teve que abandonar seu emprego, para, por amor ao esporte, dar segmento à sua ideia, ao seu propósito, ao seu porquê de continuar trabalhando. E hoje ele vive apenas do fomento e do desenvolvimento desta modalidade esportiva.

Portanto, eu faço aqui uma sugestão — e coloco-me à disposição da União dos Esportes Brasileiros — a V.Exas.: que entrem em contato com as entidades representativas do Direito Desportivo hoje no Brasil, a Academia Nacional de Direito Desportivo —ANDD, o Instituto Brasileiro de Direito Desportivo — IBDD, presidido pelo Dr. Leonardo Andreotti e pelo Ministro Guilherme Augusto Caputo Bastos, respectivamente, para que nesses congressos, nesses fóruns de discussão, a gente tenha espaço de voz e de tempo, para mostrar a dor que é dar continuação às criações nacionais, a dificuldade que é acreditar no empreendedorismo social no Brasil, os obstáculos que se enfrenta para bancar a própria ideia e a falta de patrocínio, de incentivo financeiro, fiscal e material existentes.

Portanto, fui acolhido. Tive contato com vocês hoje. Agradeço a oportunidade. Agradeço a voz. É um prazer e uma satisfação enorme vir à Casa do Povo, ao Congresso, à Câmara dos Deputados, para poder expor um pouco do trabalho da minha família, do meu primo.

Coloco-me aqui à disposição para discussão e debate de assuntos jurídicos, por ser advogado, e também me comprometo, perante vocês, a levar esta ideia de termos um espaço e de termos uma voz nos Congressos Brasileiros de Direito Desportivo para mostrar a dor que é trabalhar e empreender hoje no esporte brasileiro, principalmente nos esportes de criação nacional que carecem totalmente de incentivo.

Muito obrigado. Boa tarde a todos. (*Palmas.*)

O SR. PRESIDENTE (Deputado Hélio Leite) - Quero parabenizar todos vocês e pedir-lhes mais uma vez a atenção.



Os internautas estão fazendo perguntas, e nós selecionamos aquelas que foram mais votadas. Quero a permissão de vocês para transmitir as perguntas a quem foram endereçadas. O.K.? *(Pausa.)*

A Profa. Gabrielle pergunta para a Profa. Lana: *“A Lana abordou a dificuldade de as mulheres conquistarem espaço nos esportes. A distribuição de prêmios continua desigual. Como reduzir o sedentarismo no Brasil e superar a desigualdade de gênero?”*

A SRA. LANA MIRANDA - Com relação a isso, com eu tinha falado, a mulher no esporte já sofre preconceito.

Embora a mulher venha quebrando paradigmas, acredito que a mulher sempre está em desvantagem. Eu digo que já tivemos uma Presidente mulher e, independentemente de Governo, temos mulheres atuando em todas as áreas, tanto cultural, quanto esportista. E defendemos muito isso.

Num esporte considerado predominantemente masculino, como o futebol, sofremos muito. Eu comecei no futebol. Cheguei a participar de dois campeonatos brasileiros jogando futebol. Então, eu vivi realmente, na pele, o preconceito em relação ao feminino. Ao longo do tempo, a gente briga, mas a luta continua. Sofremos com relação às premiações e aos quesitos, pois sempre se dá mais importância ao masculino.

A Presidenta da Confederação Brasileira de Futevôlei, Ivandilce Araújo de Queiroz, a Nicinha, vem sempre lutando pelas mulheres, pela capacidade do feminino, porque hoje atingimos níveis superiores, até mesmo níveis superiores aos masculinos. Enfim, temos várias duplas inscritas, várias mulheres praticando esportes no Brasil e no mundo.

Então, essa questão é uma guerra, Deputado. Eu falo que muita gente chega para mim e diz: *“Você joga futevôlei como um homem”*. Eu respondo: *“Não, eu não jogo como um homem. Eu jogo como uma mulher que joga mais do que muito homem”*. *(Palmas.)*

Esta é a nossa luta. As mulheres presentes aqui sabem desta luta realmente.

Obrigada pela pergunta, Profa. Gabrielle, que foi de extrema importância. É sempre legal e importante discutir a questão feminina no esporte, porque mulher também joga bola, porque mulher também atua melhor do que vários homens.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Hélio Leite) - Dando sequência às perguntas dos internautas, como esta Casa é uma Casa democrática, temos uma pergunta para o André Galvão, feita pelo Mestre Lobo Mau: *“Considerando que a capoeira possui uma entidade que a representa no viés desportivo, no caso a Confederação Brasileira de Capoeira, por que ela não recebe incentivos provenientes dos jogos da loteria?”*

O SR. ANDRÉ GALVÃO - Essa é uma reivindicação nossa desde 2005. Na verdade, o Comitê Olímpico Brasileiro — COB acolheu a capoeira. Aliás, nós temos o nosso nome lá. Eu me esqueci de informar vocês, o nome da Confederação Brasileira de Capoeira está na parede do Comitê Olímpico Brasileiro, que, aliás, é um prédio muito bonito, talvez um dos mais bonitos do Rio de Janeiro, mas nós não saímos da parede para lugar algum. Lá, na verdade, nós somos apenas e tão somente reconhecidos; nós não somos vinculados, nós não somos filiados, ou seja, nós não disputamos o orçamento com os desportos de alto rendimento — nós não conseguimos.

Eu quero dizer a vocês que nós estivemos presentes nos Jogos Pan-Americanos de 2007 e nem espaço nos Jogos Pan-Americanos a capoeira teve, mercê do trabalho do Comitê Olímpico Brasileiro. Nós ficamos na barraca das medalhas, num espaço destinado à secretaria de promoção da igualdade racial. Assim, nós tivemos a sorte de todos os medalhistas do Pan-Americano terem que passar por uma roda de capoeira, já que era lá que nós estávamos, porque nós não tivemos acesso a nenhum outro espaço. E eu repito que, embora nós tivéssemos essas conquistas todas que eu citei aqui, nós não tivemos espaço nem nas Olimpíadas e nem na Copa do Mundo de Futebol, aqui no Brasil.

Então, eu acho — e não é pretensão falar —, que nós temos a capoeira e o futebol como divisas do Brasil. Nós vendemos de tudo. As nossas multinacionais usam a imagem do futebol, do futevôlei, da capoeira para vender de soja a petróleo, mas nós somos órfãos do Estado brasileiro, que não dá a contrapartida a quem faz a cultura neste País, com elementos de formação cultural do nosso País. A capoeira se ressentiu disso e não tem medo de falar, e é isto que precisamos fazer: precisamos criar uma diretoria de desporto de criação nacional no Ministério, precisamos pleitear, sim, recursos da loteria federal, porque, na verdade, o Comitê



Olímpico Brasileiro, até hoje, não nos deu a mão, e já se vão quantos anos, entre 2018 a 2005? Mas a capoeira sabe se organizar: quando recebe uma negação por um lado, ela vai pelo outro, assim como todos nós temos que fazer, porque nós somos brasileiros, não é?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Hélio Leite) - Dando continuidade às perguntas da Internet, o Marcos Juliano quer saber se o futsack é um esporte oficial.

O SR. MARCOS JULIANO OFENBOCK - Sim, o futsack foi reconhecido pelo Ministério dos Esportes em 2014. Em 2015, virou uma lei municipal em Curitiba, e, em 2016, lei estadual no Paraná. Com isso, ele está organizado hoje com três federações estaduais no Sul — no Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná —, e também como uma confederação brasileira. Então, ele já é um esporte oficialmente reconhecido, é um esporte brasileiro, e é um dos primeiros esportes a ser organizado e reconhecido no século XXI no nosso País.

Muito obrigado.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Hélio Leite) - Pergunta para o André Galvão, mandada pelo Mestre Lobo Mau: *“Considerando que a capoeira, além de esporte e criação nacional também é identidade nacional e atualmente uma das maiores divulgadoras da língua portuguesa no mundo, porque não existem políticas públicas de inclusão dos professores e mestres dessa modalidade aqui no Brasil?”*

O SR. ANDRÉ GALVÃO - Nós estamos lutando institucionalmente inicialmente na Comissão do Esporte. Nós apresentamos dois anteprojetos: um, que cria a política nacional da capoeira e outro, que regulamenta o sistema confederativo da capoeira.

Uma das nossas conquistas — e não a conseguimos na Comissão do Esporte, infelizmente, mas em outras Comissões da Casa, porque enquanto nós atacávamos na Comissão do Esporte, nós estávamos trabalhando no Estatuto da Igualdade Racial, porque nesta Comissão havia um *lobby* muito forte do Conselho Federal de Educação Física, do Comitê Olímpico do Brasil que eram muito refratários ao nosso pleito —, hoje foi o reconhecimento como direito do capoeirista a atividade da capoeira, assim como pela sua entidade de prática, e nos estabelecimentos públicos de ensino, em qualquer âmbito.



Hoje isso já é lei federal. Deve ser imposto!

O SR. PRESIDENTE (Deputado Hélio Leite) - Há mais algumas perguntas, pois o nosso internauta está interagindo. Ele tem que ser pelo menos ouvido.

“Quais foram os passos para o futsac chegar ao reconhecimento?”

O SR. MARCOS JULIANO OFENBOCK - Primeiro, organizamos as federações. Foi montada uma federação paraense, com CNPJ, com um corpo físico. Com a federação, conseguimos homologar um corpo de arbitragens, com as três federações paranaense, catarinense e gaúcha. Depois, a confederação brasileira, que é a entidade máxima de qualquer esporte.

A confederação brasileira passou a ter um reconhecimento por parte do Ministério do Esporte, das entidades governamentais.

Antes de qualquer esporte nascer, tem-se que criar federações, depois, a confederação brasileira. Posteriormente, há o reconhecimento da modalidade.

Obrigado, Deputado.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Hélio Leite) - Dando continuidade, Rosely Vaz fez a primeira pergunta ao senhor e faz a segunda pergunta: *“Como são produzidas as bolas de futsac”*.

O SR. MARCOS JULIANO OFENBOCK - Observem que legal, o futsac é produzido de forma artesanal. Montamos uma associação de crocheteiras, na qual são cadastradas 50 mulheres de baixa renda, que fazem, através do crochê, as bolas de futsac. É o único esporte do mundo que envolve a arte do crochê, algo artesanal.

Para se ter uma ideia, com a demanda que se está abrindo para o Estado do Paraná, inteiro, nós estamos cadastrando novas crocheteiras. Cerca de 80 mulheres de baixa renda farão parte da Associação Curitibana de Crochê. Eu imagino que expandindo esse esporte para o Brasil inteiro nós conseguiremos montar outras associações em outros Estados brasileiros e regiões carentes para ajudar essa produção artesanal.

Obrigado, Deputado.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Hélio Leite) - Agradecemos ao senhor e aos internautas.



A próxima pergunta é da Sra. Neria para o Dr. Sergio Zaccaro: *“Pode jogar zaccaro ball de diversas maneiras?” “Posso adaptar a modalidade ao tênis e ao biribol?”*

O SR. SERGIO ZACCARO - É claro. O biribol é um esporte jogado dentro da piscina. É um vôlei de piscina. Em vez de se jogar com as mãos, joga-se com as raquetes e com a bolinha. Não seria esta. *(Mostra bolinha)* Seria uma bolinha de borracha de frescobol para não ficar encharcada. É uma das modalidades que usamos no zball ou zaccaro ball.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Hélio Leite) - Outra pergunta para o senhor: *“Gostaria de saber quais são os principais benefícios da prática do zaccaro ball?”*

O SR. SERGIO ZACCARO - Os benefícios são para o corpo inteiro: cabeça, tronco e membros. Usam-se as pernas, movimenta-se para frente, para trás, abaixa-se e levanta, usam-se os dois membros superiores, as duas mãos. É o único esporte de raquete, no mundo, em que você usa as duas mãos. E, ao usar as duas mãos, você, como bônus, trabalha a lateralidade cerebral. Quer dizer, é um esporte completo, porque você trabalha cabeça, tronco e membros.

O SR. PRESIDENTE (Hélio Leite) - Outra pergunta: *“Qual a sua opinião, por exemplo, sobre inserir esse esporte na grade curricular da educação física nas escolas públicas?”*

O SR. SERGIO ZACCARO - Essa pergunta foi até bem-vinda.

De 6 meses para cá eu tenho recebido contatos de todos os professores da rede estadual e municipal, e de escolas particulares também, pedindo-me para fornecer as raquetes para os alunos, porque é um esporte que você pode jogar de diversas maneiras, e é com isso que os professores estão encantados. Você pode jogar como vôlei, como basquete, como gol a gol, como pingue-pongue. Então, é uma coisa muito vasta. Não é um esporte para se jogar de uma única maneira.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Hélio Leite) - Eu queria fazer uma sugestão a vocês. É evidente que há mais perguntas, mas para darmos sequência a essa reunião, que está para encerrar, eu queria pedir à Comissão para que todos aqui presentes deixassem os seus contatos, para que nós pudéssemos ser acionados pelas redes sociais, pela Internet, e que assim vocês possam responder os e-mails que serão deixados aqui, porque alguém poderá ter curiosidade sobre como pode



comprar um *kit*, como pode levar o esporte para o Município ou Estado. Eu acho importante que a nossa Comissão possa ter esses endereços para fazer o intercâmbio entre os criadores e os pretendentes.

“O tapembol é um esporte de criação mineira. Estamos muito confiantes e positivos com essa oportunidade. Salve os esportes de criação nacional!” Esta mensagem é para todos aqui.

Eu queria, antes de entrar no ciclo final, perguntar se alguém quer usar da palavra por alguns minutos?

O SR. ALCIR HORÁCIO DA SILVA - Muito se falou aqui, nobres companheiros, da importância da prática do esporte para a erradicação de algumas situações de penúria social, como a das drogas.

Eu gostaria de enfatizar que um dos elementos mais importantes hoje — numa sociedade em que nós temos uma brutal exclusão daqueles “inclusives”, que são os ditos normais —, e para o que eu gostaria de chamar a atenção, é que todos esses esportes têm que colaborar na perspectiva de incluir aqueles que já estão excluídos nessa sociedade, como, por exemplo, os portadores de deficiência. E aí eu gostaria de lembrar, puxando a brasa para nós, que o frescobol é um esporte altamente incluyente. Ele inclui mulheres, ele inclui crianças. Há uma criança em Rio das Ostras, de 11 anos, chamada Rayane, filha do Marcelo (*ininteligível*), e que joga frescobol com primazia. E o João, lá na Praia do Diabo, com 87 ou 88 anos, que joga frescobol. Quer dizer, inclui crianças... E nós temos três jogadores de alto nível no Brasil, no Espírito Santo, que é o Guilherme; na Bahia, temos o Paulo e o Rônei, que são atletas portadores de deficiência, que jogam somente utilizando a parte superior do corpo para a prática do esporte, e são excelentes jogadores. Portanto, ele pode ser jogado também por pessoas que possuem uma determinada deficiência, desde que essa deficiência não atrapalhe o movimento da mão.

Para terminar, nobre Deputado, queria dizer que se falou muito, inclusive o nosso colega Zaccaro falou sobre a mão. Não nos esqueçamos de que Marx fala que o homem, pelas mãos, modifica a natureza, e modifica a natureza, se modificando; quer dizer, ao modificar a natureza ele modifica a si mesmo, o que significa dizer que a mão também, na maioria dos esportes, se utiliza de uma raquete ou de algum implemento para continuar essa atividade. Ao se utilizar disso,



ele também desenvolve as funções cerebrais; por isso, há um autor que diz claramente que o homem pensa pelas mãos; o homem pensa pelas mãos.

Eu gostaria de agradecer a todos. Muito obrigado por essa oportunidade.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Hélio Leite) - Eu quero pedir permissão aos integrantes desta reunião para fazer um registro: o Vereador Max Funil-Ô, é indígena, está presente, é de Águas Belas, Estado de Pernambuco. Seja bem-vindo. É uma honra para nós recebê-lo aqui nesta Casa, que também é sua.

Dando sequência aos trabalhos, passamos a palavra para o Weber.

O SR. WEBER DE AZEVEDO MAGALHÃES - Rapidamente, eu queria dar uma sugestão: naquela reunião que nós tivemos, eu acho que o André Moura, o Pedro, a Lana são aqui de Brasília, fica mais fácil para vocês ajudarem nesse processo, justamente naquilo que o Rui falou. O Rui poderia ter esse contato com vocês. Essa é uma sugestão, porque acho que fica mais fácil. Nós tivemos o apoio do Deputado Hélio Leite, e de alguns Deputados aqui, para instalarmos uma Comissão para poder tratar desse assunto da alteração da Lei Piva, fazer audiência com o Ministro dos Esportes, para podermos facilitar isso, porque é de interesse de todos nós — não só do futsal, mas de todos vocês — que possamos realmente levar isso adiante, porque senão fica uma reunião interessante, boa, importante, mas pode se acabar hoje aqui, e não haver sequência. Então, o Pedro tem um contato muito forte na parte jurídica, você também é advogado, eu estou à disposição, eu sou funcionário do Senado, estou no gabinete do Zezé, para podermos, juntos, fazer esse trabalho e realmente levantarmos recursos para esse esporte. Alguns, vêm de mais longe, mas passando o e-mail, o contato fica mais fácil de termos as ações realizadas aqui em Brasília.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Hélio Leite) - Com a palavra o Rui. Rui, você dispõe de 2 minutos.

O SR. RUI HILDEBRANDO - Primeiramente, para anunciar ao Brasil que essa reunião está sendo transmitida pela web, www.manbol.com.br, que é um site nosso, em que se encontram todas as respostas, para quem não conhece ainda essa modalidade. É um esporte muito completo, brasileiro. Você, que está em qualquer parte do Brasil, pode acessar o nosso site, e ter todas as respostas. Nós estamos com muita disposição para poder chegar. Quero lembrar que agora, em



junho, vamos lançar o EAD, que é um projeto de uma plataforma digital para o ensino a distância, o professor de Educação Física pode se certificar em qualquer parte do Brasil, e se habilitar na modalidade pela internet. A nossa plataforma está em andamento, é algo, assim, muito moderno, e que vai permitir nós chegarmos onde nós, fisicamente, não conseguiríamos.

Para concluir a minha fala, com muito respeito à Comissão e aos Deputados que não estão presentes aqui, eu quero dizer que o Deputado Hélio Leite, que sentou nesta mesa com muita determinação, salvou esta audiência pública com a sua presença e com o pensamento positivo de levar a ideia para a frente.

Então, Deputado, eu estou muito orgulhoso por V.Exa. ser do meu Estado do Pará e por saber que nós não fomos abandonados.

Nesta Comissão deveria haver mais presentes, infelizmente não há. Isso é uma prova que o esporte nacional, o esporte do Brasil ainda não tem a sua valorização. Eu espero que num outro momento que for consolidado e construído os Deputados Federais, que são eleitos pelo povo, possam olhar para os esportes do Brasil. É uma honestidade que eu estou expondo aqui, porque apenas um Deputado fica até o final da história.

Gente, há um jogo de poder estabelecido em cada centavo que é público ou extraoficial. Os recursos da loteria da Lei Piva são perenes. Eles não são recursos do orçamento do Governo Federal. São recursos extras, porque são da Caixa Econômica Federal. Vêm daqueles que apostam. Eu aprendi um pouco disso com o Lindberg, que é uma pessoa que tem uma capacidade muito grande de gerir o trabalho executivo dentro da Comissão de Esporte. Ele tem dado uma atenção muito grande para essa questão do tema do esporte nacional. Eu agradeço muito ao Lindberg.

Então, para encaminhar, Deputado Hélio Leite, eu quero fazer uma proposição dentro da Lei Piva, da proposta de mudança. Lembro que há um jogo de poder, em que os 2,7% das loterias, que já existiam há muito tempo pela Lei Agnelo/Piva não vão ser alterados, porque são do esporte de alto rendimento, olímpico. Não se mexe no que nós queremos mais ainda. Nós precisamos de mais medalhas. Então, nós não temos como entrar aqui.



Nós temos que ter a humildade de reconhecer qual é o nosso espaço. Nós estamos na cadeia inicial do esporte, primeiro porque infelizmente somos brasileiros — infelizmente. Há uma magoa em mim. Se qualquer uma dessas modalidades dessas tivesse nascido na Europa, nos Estados Unidos, já estaria estupidamente explodindo no mundo. Até o brasileiro já estaria praticando aqui. Eu espero que essa cultura mental de querer se diminuir possa mudar a partir de uma audiência pública como esta.

Lembro, Deputado Hélio Leite, que V.Exa. aceitou o nosso desafio de propor uma alteração dentro de uma alteração que já está em andamento. Gente, no jogo de poder as secretarias de esporte dos Estados, que têm um orçamento próprio, não vão querer mais tirar do deles. São os Governadores dos 26 Estados e do Distrito Federal. Nós temos aqui 14,5% do Comitê Brasileiro dos Clubes. Eles não vão querer tirar. E nós também não podemos tirar de quem nós acreditamos que pode melhorar.

Mas nós podemos buscar do próprio Ministério do Esporte, que tem orçamento federal e tem um recurso extra, 4,5% adicional. Nós não podemos aceitar, porque nós somos brasileiros. Nós precisamos de um Deputado que tenha a ousadia, a determinação e a coragem de dizer *“Olha, Ministério do Esporte, você tem 25% do orçamento. Vamos discutir que 20% ficam aí, mas 5% vão ser implementados, investidos no que é do Brasil.”* Vamos valorizar a nossa bandeira, a nossa cultura, a nossa identidade nacional, primeiro porque é artigo constitucional.

Deputado, V.Exa. não está fazendo nada fora de um perímetro constitucional: art. 217, IV. Só não está regulamentado. E se não houver um Deputado de coragem, não vai ser regulamentado. Portanto, nós estamos olhando para V.Exa. hoje com um olhar de coragem, Deputado Hélio Leite. *(Palmas.)* Não é fácil dizer para o novo Ministro: *“Ministro, V.Exa. vai ter que declinar de uma parte desses 25% para os esportes de identidade nacional”*. Está aí a capoeira. Está aí futevôlei, que, apesar de ser um esporte já muito conhecido, padece de patrocínio e padece de incentivo nacional. Então, o art. 217 precisa ser apoiado.

O manbol foi criado em 2004 em Belém do Pará. Eu tenho leis municipais e leis estaduais, eu tenho certificações em tudo que é área, mas não tenho 1 real para comprar uma bola que, hoje, é fabricada no Paquistão! A indústria brasileira não



produz a minha bola! É uma bola diferente, que não tem câmara de ar, com uma tecnologia moderna, uma coisa assim diferente, mas que não é produzida no Brasil. Eu não vou deixar o meu esporte morrer na praia. Não vou deixar! Isso aqui vai correr o mundo, e eu vou lutar por isso, Deputado Hélio Leite.

Convido a todos os meus amigos que são dos esportes nacionais que em nenhum momento declinem, desistam ou desanimem. Vamos buscar o que é nosso, o que é do Brasil! É o nosso orçamento e o Ministério do Esporte precisa abrir mão disso aqui. Embora, neste primeiro momento, ele vai ter que cancelar, de acordo com os crivos, com os critérios, os projetos com mais viabilidade, por Região ou por área de atuação. Nós temos que ter essa consciência. O que eu não quero é chegar aqui, em Brasília, depois de uma audiência pública desta, para procurar apoio no Ministério do Esporte e que lá me digam: “*Existe a Lei de Incentivo ao Esporte*”; aí eu vou à Lei de Incentivo ao Esporte para apresentar um projeto lá — e já aprovei um projeto lá —, mas não capta recursos, porque as empresas não deduzem por não ser esporte conhecido ou por não rende para elas, num primeiro momento, na mídia. Elas não deduzem! Vão deduzir se for para o Tande, para a Ana Moser ou para qualquer atleta famoso ou internacional.

É preciso tirar algumas máscaras. A Lei de Incentivo, hoje, no Brasil é uma lei que não tem funcionalidade na prática. Ela é do tipo: conforme-se, caminhe por aí e tente fazer alguma coisa... É um faz de conta! A Lei de Incentivo ao Esporte não atende ao esporte brasileiro, atende aos que já estão num grau de elite, que são reconhecidos, que têm a grande indústria a lhes favorecer.

Perdão pela ousadia do tempo, já que o senhor me permitiu falar por mais 2 minutos para eu concluir.

Eu formulei aqui que ainda existem modalidades nacionais que não estão aqui, como o biribol, de Goiânia, o quimbol, de Piracicaba, São Paulo, e eu tenho outras modalidades contactadas. Criamos um grupo seletivo de entidades. Nesse grupo, nós já chegamos à conclusão de que o caminho nosso é esse e que nós vamos ter que ir para cima dessa causa — antes disto aqui, não havia nada acontecendo. Foi provocada uma audiência pública no Parlamento brasileiro, e aqui é um Parlamento que, por outras opiniões, não se valoriza! Na minha, valoriza a partir de hoje, porque nos reunimos aqui, abrimos espaço e está sendo debatido,



está acontecendo, e eu não vou sair daqui desenganado. Eu vou sair daqui acreditando que nós vamos ter uma lei que vai contribuir com o que é do Brasil, para eu poder ter orgulho de ser brasileiro. (*Palmas.*)

Era isso, Deputado, e o senhor vai segurar essa proposta. A proposta está pronta. Eu já tenho a redação e vou passá-la para a Comissão de Esporte, e aí, com sua equipe técnica, o senhor vai redigir. Há um objetivo central: nós precisamos de meio por cento, que é 5% dos 20%. Isso equivale, e aqui estão os números... É claro que eu não sei se posso entrar nos números, mas para o Ministério do Esporte isso não alteraria quase nada, porque 25% hoje da verba do Ministério do Esporte equivale, pela proposta, a 149 milhões. Ele continuaria com os 140 milhões. Mas, neste primeiro momento, os 9 milhões poderiam ser rateados entre os esportes nacionais. Isso já seria um começo, já seria um passo a ser dado para se dizer: “*Olha, o Brasil precisa se valorizar*”.

Então, era essa a minha proposta, e eu vou estar aqui para fazer isso acontecer, Deputado.

Muito obrigado. (*Palmas.*)

O SR. PRESIDENTE (Deputado Hélio Leite) - Passo a palavra ao Dr. André.

O SR. ANDRÉ GALVÃO - Corroborando o que o Weber e o Rui falaram, e aproveitando este espaço legislativo e o protagonismo da Comissão — onde, aliás, estamos sendo muito bem recebidos pelo Deputado Hélio Leite e também pelo Lindbergh, que sempre faz questão de prestigiar a capoeira, assim como os demais desportos de criação nacional —, a minha sugestão é: nós precisamos de um local, de um *locus* administrativo para ser a nossa interlocução dentro do Estado brasileiro, necessariamente no Ministério do Esporte porque é onde nós estamos, e para que se crie independentemente de lei. Isso é uma providência simples de natureza administrativa: uma diretoria que cuide, dentro de uma Secretaria, do esporte de criação nacional. Não é nenhum pedido que o protagonismo da Comissão não possa já realizar.

Eu acho que isso é importante para a gente ter uma interlocução que fale a nossa língua, dentro de uma das secretarias. A nossa pretensão obviamente é chegar a ter uma secretaria dentro do Ministério do Esporte, mas uma diretoria já seria bom.



Uma outra coisa também — e aí falando para a Comissão — é que a Comissão poderia, sim, propor...

Eu tenho alguma dúvida, Rui, se na verdade o artigo precisaria ser regulamentado, ou se ele já tem... Mas, enfim, a Comissão poderia já propor uma política para a regulamentação do desporto de criação nacional brasileiro. Feita essa política, nós teríamos uma segunda etapa, que seria a criação de uma rubrica orçamentária, que não necessariamente precisaria estar cingida ao Ministério do Esporte. Existem programas de resgate social, existem programas de esporte educacional, existem programas outros na área de segurança pública que transcendem — em muito — esse orçamento que você está falando, que, no universo do orçamento brasileiro, é mínimo. E o desporto de criação nacional cumpre também essa função de resgate social. Há pessoas em situação de risco, em comunidades aonde não chegam os desportos de alto rendimento por inúmeros motivos que todos já sabem. Então, eu acho que a gente poderia, sim, e essa é minha sugestão, corroborando a ideia de vocês.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Hélio Leite) - Eu quero dizer que nós estamos chegando ao final da reunião, mas eu quero passar a palavra para a Lana porque ela quer fazer as considerações finais.

A SRA. LANA MIRANDA - Obrigada.

Eu gostaria aqui de agradecer a todos vocês. Eu cheguei atrasada, porque eu estava na posse do Ministro, e ele sabe da gente. Eu falei que viria para cá, para uma audiência de valorização dos esportes genuinamente brasileiros.

Então, quando eu cheguei aqui, o zaccaro ball, que é um esporte maneiríssimo... Inclusive, eu quero experimentar todos, porque eu achei superinteressante, como o surfe na pororoca, o *shark paddle surf* também...

Enfim, muito obrigada.

(Não identificado) - Aos sábados e domingos, no Parque da Cidade...

A SRA. LANA MIRANDA - Eu pego esse joguinho aí, tranquilo! (*Riso.*)

Em todos os países a que eu vou, nos mundiais para praticar o futevôlei, a capoeira é muito forte. A gente tem uma ligação muito grande. Eu tenho um orgulho imenso! Em todos os eventos aqui de Brasília, colocam o pessoal da capoeira para



fazer na areia e eles se amarram, eles adoram! A gente tem que estar coligados, estar juntos.

Obrigada.

Obrigada, Rui, pela sua força, pela sua garra, porque é disso que a gente precisa.

Deputado, o Weber é um grande experiente na área de esporte, ele sabe tudo e a gente precisa de vocês. A gente está aqui falando disso: a gente precisa de vocês!

Para todos — e para você, Rui —, eu finalizo dizendo que, se unidos somos fortes, juntos somos invencíveis!

Valeu, meninos! (*Palmas.*)

O SR. PRESIDENTE (Deputado Hélio Leite) - Eu quero só fazer uma disciplina aqui. Eu acho que, se der 1 minuto para cada um, dá para todos fazerem a sua conclusão.

Pode falar Cláudio.

O SR. CLÁUDIO GOMES MENDES - Quero agradecer a todos primeiramente, e ao meu amigo Rui, que fez esse movimento bacana. Se cada um de vocês não estivesse aqui, não iria também haver esse movimento.

Eu queria deixar para vocês um pedido: que fizéssemos em anos ímpares uma olimpíada paralela só com os nossos esportes, porque assim chamaríamos a atenção da imprensa e dos próprios políticos. Então, essa é a ideia que eu tenho. Que amadureçamos isso. Então, coloco isso na mão do Rui.

Obrigado.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Hélio Leite) - Passo a palavra ao Sr. Wesley, para que faça as suas considerações finais. Muito obrigado pela sua presença.

O SR. WESLEY ALAN DOS SANTOS PEREIRA - Agradeço a todos os presentes. O Deputado me fez uma pergunta. Quem quiser saber mais sobre o tapembol acesse o *site*: www.tapembol.com.br. Lá, serão esclarecidas as dúvidas de como comprar bola, de como jogar e etc.

Agradeço a todos e, em especial, ao Rui pela iniciativa.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Hélio Leite) - Passo a palavra ao meu conterrâneo, o Sr. Noélio.



O SR. NOÉLIO SOBRINHO - Quero mais uma vez agradecer e dizer que foi uma grande satisfação para mim participar desta reunião. Há 35 anos sou surfista e há 20 anos surfo o fenômeno da pororoca. Acabamos de chegar com o pessoal da BBC de Londres, Deputado. Estávamos lá em Marajó. No domingo estou indo para a pororoca do Maranhão com uma outra equipe.

Quero dizer que aprendi muito com vocês. Vejo que estou no lugar certo. Eu estou muito feliz de realizar o sonho de surfar a pororoca e de vê-la transformada em mocinho, já que hoje proporciona a melhoria da qualidade de vida de centenas de famílias ribeirinhas da Amazônia.

Deputado, V.Exa. é o cara! V.Exa. sempre nos ajudou. Estamos juntos, Deputado.

Muito obrigado.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Hélio Leite) - Passo a palavra ao Sr. Alcir Horácio da Silva.

O SR. ALCIR HORÁCIO DA SILVA - Infelizmente não nos lembramos de tudo que foi dito, mas quero deixar registrado que estou em Goiânia, mas venho a Brasília em alguns finais de semana. Hoje pela manhã inclusive jogamos com uma colega. Eu estou até me denunciando que cheguei cedo.

Quero dizer que o pessoal da família frescobol de Brasília joga no Parque da Cidade praticamente todos os dias, mas aos sábados e aos domingos tem que chegar cedo porque senão não encontra lugar para jogar frescobol. Brasília é um celeiro de bons jogadores.

Nobre Deputado, gostaria de agradecer muito. Vamos lutar para que os nossos intentos sejam alcançados.

Aprendi muito com vocês hoje.

Muito obrigado a todos.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Hélio Leite) - Passo a palavra ao Sr. Marcos.

O SR. MARCOS JULIANO OFENBOCK - Deputado, agradeço a V.Exa. e a toda a Mesa Diretora pela oportunidade. Agradeço à Lana, ao Prof. Weber e a todos os professores e criadores que estão aqui.

Quero dizer que hoje a fogueira da esperança ficou mais forte, porque nós que trabalhamos com esporte sabemos a batalha que é e, de vez em quando,



baixamos a cabeça, pois não temos suporte. Hoje, esta reunião histórica deu um pouco mais de esperança para continuarmos lutando. Então, eu agradeço por fazer parte dessa família, dessa elite criativa dos esportes nacionais.

Muito obrigado a todos vocês.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Hélio Leite) - Passo a palavra ao Dr. Sergio Zaccaro.

O SR. SERGIO ZACCARO - Deputado, quero dizer que estamos vivendo de uma forma diferente agora. V.Exa., a partir de agora, é nossa esperança. Nós vamos cobrar, insistir e nos unir para que haja continuidade desse trabalho. Não podemos morrer na praia. Nós temos que continuar crescendo sempre, porque é impossível, com um monte de esportes maravilhosos — o meu é bacana, o do Rui é lindo e o outro é maravilhoso —, ficamos subjugados aos esportes internacionais. Por quê? Porque chegou a nossa vez. Eu quero ainda estar vivo para ver esse dia chegar nem que tenha que viver mais 67 anos. (*Palmas.*)

Obrigado.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Hélio Leite) - Passo a palavra ao Dr. Ricardo, do Maranhão para o mundo.

O SR. RICARDO FERNANDES - (*Risos.*) Além de agradecê-lo, eu queria parabenizá-lo. Quero deixar bem clara uma coisa para todo mundo que acho que é de um grau de importância gigantesco. É um ano eleitoral e tenho plena certeza de que Hélio Leite será reeleito, até porque ele já tem de imediato dois esportes do Pará que vão apoiá-lo no Pará.

Partindo desse princípio, sejamos bem diretos e objetivos, gente. A coisa só funciona com a única cédula que temos: a moeda do voto. Nós juntos aqui fazemos muita zoadá. É lamentável e triste que eu tenha que repetir que ainda não tenho um defensor no Maranhão, quando digo “eu” me refiro à Equipe Abraço, porque sou do Maranhão, e está aqui o Noélio, que faz parte da minha equipe e da do Amapá também.

Deputado Hélio Leite, eu vou alimentar as suas palavras. V.Exa. mesmo comentou as nossas primeiras palavras dizendo que seria interessante que cada Estado buscasse aqui um representante. Não adianta depositarmos só nas suas mãos, porque V.Exa. sozinho não vai conseguir isso. Mas o pedido final que fica é



exatamente que através de V.Exa. a (*ininteligível*), este grupo que foi formado, que deseja os 5% do Ministério do Esporte, possa realmente ajudar V.Exa. a escolher neste ano que é eleitoral.

Vocês têm noção da rede social que a pororoca faz? Vocês não têm noção. Nosso público alvo é altamente do exterior, internacional. Nós estamos com 11 empresários e turistas da companhia aérea TAP, de Portugal, que fizeram filmagens no Maranhão. Vocês não têm noção do tanto — usando o bom vocabulário — de gringo que quer conhecer a pororoca.

Deputado, eu lhe falo uma coisa com toda sinceridade. V.Exa. pode sair daqui vangloriado como o cara do esporte genuinamente brasileiro. Pense nisso. (*Palmas.*)

O SR. PRESIDENTE (Deputado Hélio Leite) - Passo a palavra ao Sr. Pedro Mattei.

O SR. PEDRO MATTEI - De maneira rápida e objetiva, eu gostaria de agradecer pelo espaço e pela voz que tive ao representar o shark paddle surf, o primeiro esporte marítimo brasileiro.

Gostaria de fazer uma pequena consideração para que todos refletissem. Na verdade, em relação ao reconhecimento dos esportes de criação nacional, se todos nós brasileiros que amamos nossa Pátria queremos ver o sucesso olímpico do nosso esporte, sabemos que, de acordo com a Lei de Lavoisier, nada se perde, nada se cria, tudo se transforma. Então, o incentivo que vai ser dado hoje aos desportos de criação nacional vai se refletir daqui a 10 anos, 20 anos ou 30 anos, não importa o tempo, mas acerca dessa iniciativa, à medida que sair daqui, eu tenho certeza dos efeitos positivos para o nosso desporto nacional de maneira geral.

Muito obrigado. (*Palmas.*)

O SR. PRESIDENTE (Deputado Hélio Leite) - Eu acho que todo mundo já usou da palavra e está satisfeito por poder expor a sua criação, o que vem desenvolvendo ao longo do tempo.

Eu quero fazer algumas colocações antes do encerramento. Eu quero propor, reforçando o que vocês já disseram, a criação de uma comissão integrada por vocês, para que possamos ter acesso com rapidez e também viabilizar algumas ações importantes. Eu, particularmente, fico feliz em poder estar junto com vocês nessa questão fundamental. Eu acho que, quando se valorizam as coisas



brasileiras, demonstramos para o mundo a nossa capacidade de produção e, acima de tudo, de execução. Eu quero primeiro pedir para fazermos uma comissão para que possamos pautar essa matéria.

Eu vou pedir uma audiência com o Ministro para que possamos ir lá e levar organizadamente um documento mostrando o espaço que nós precisamos ter e que merecemos, até porque eu não sou contra o alto rendimento, sou a favor de toda prática do esporte, mas não podemos deixar de buscar esse intercâmbio.

Eu também vou ter uma conversa com outros Parlamentares de outros Estados, vou convidar a Confederação Brasileira do Desporto Escolar, para que nós também possamos ver como incluir na questão do esporte estudantil. Até porque eu penso, na minha concepção indígena, que a escola é o berço do esporte. Na hora em que um Município, um Estado conseguir pautar essas questões, conseguiremos avançar.

Quero deixar uma sugestão para vocês e me colocar também à disposição. Eu acho que vocês deveriam fazer seu próprio material e nós trabalharmos. No Pará, eu posso trabalhar com a Secretaria de Esporte, o Governo do Estado, Prefeituras que queiram colocar em prática o esporte que vocês criaram. Se o material não estiver organizado, não conseguirão implantar em lugar nenhum.

Esta reunião foi um momento importante, mas é preciso se organizarem para fazer crescer a prática desse esporte.

Quero dizer duas coisas, Rui. Os Parlamentares aqui têm uma atividade muito grande. E hoje esta Casa está tendo muita atividade: instalação de Comissões, visita de Parlamentar a Ministérios, Parlamentares no plenário defendendo as suas propostas, posse de Ministro.

Portanto, quero pedir desculpas a você e a todos pela ausência de alguns Parlamentares. Mas aqui nesta Comissão e nesta Casa há Parlamentares de bom trato, Parlamentares responsáveis, sérios. E esta Comissão tem sido uma das referências nesta Câmara pela sua postura.

O Deputado João Derly, que não pode comparecer porque está enfermo, é o Parlamentar que mais produziu nesta Comissão. Quero deixar um abraço a vocês em nome dele e agradecer por terem atendido ao requerimento, que foi dele.



Eu queria me colocar também à disposição, já que vocês estão me colocando dentro dessa questão, que é fundamental. O nosso gabinete fica no Anexo IV, sala 403. Eu tenho cartões aqui do nosso gabinete. Se alguém quiser pode pegar. Se precisarem reunir com a Comissão ou usar o nosso espaço para alguma reunião, estamos à disposição.

Vamos fazer um estudo para elaborarmos uma proposta ou até entrar no relatório da Lei Piva para podermos contemplar o esporte nacional.

Eu acredito que essa causa não terá muita dificuldade, está precisando só da nossa junção, da nossa organização e, acima de tudo, do nosso poder de persistir.

Ficarei muito feliz se eu puder fazer esse papel de inseri-los no cenário financeiro da União, que é fundamental. Eu acho que eu não estou fazendo nada mais do que a minha obrigação. Faço porque é importante, e de coração. Cada um que criou um desses esportes, talvez, criou pensando em elevar a condição social de cada um. Quando ouvi as palestras aqui, eu fiquei interessado em todas. Mas quando eu vi vocês preocupados com a inclusão de quem tem deficiência, também mostra a responsabilidade social de cada um de vocês.

Portanto, repito, eu quero me colocar à disposição de vocês. Contem com o meu empenho, com o meu trabalho. Se eu promettesse mais, poderia estar enganando-os.

Quero dizer que esta reunião foi muito importante para esta Casa. Foi uma reunião produtiva e pudemos ter conhecimento de questões práticas. Imaginem que a Lana, que pratica esporte há muito tempo, está nomeada todos os dias, já está interessada em ser musa de vários esportes de vocês, esportes que ela não conhecia. Portanto foi uma novidade positiva para cada um de nós.

Quero agradecer a cada um e dizer que os Parlamentares desta Casa estão com vocês. Na próxima reunião, eu vou convidar todos os Parlamentares para que possamos fazer um grupo para levar a ideia ao Ministério, ao Planejamento, à Casa Civil, onde precisar, para que nós possamos desenvolver paulatinamente, que é importante.

Agora uma coisa é fundamental, nem tudo é muito rápido. Esta Casa recebe todos os dias dezenas de solicitações, de demandas que tem reprimido ao longo do tempo. Então precisamos saber construir para obtermos êxito na Casa.



Esse meu amigo está aqui há 30 anos e tem a experiência do que eu estou dizendo. Eu acho que ele pode referendar o que eu estou dizendo.

Enfim, eu queria agradecer a cada um de vocês e pedir para não desistirem. Continuem tocando para frente! Continuem acreditando em vocês e no Brasil! O Brasil tem solução, e a solução está em nossas mãos se tivermos seriedade, honestidade e sempre amor pelo esporte.

Muito obrigado.

Está encerrada a sessão. (*Palmas.*)